



ABI. Nome abreviado de **Abias**, mãe do rei Ezequias.

ABIAS (ou Abia). Hb “meu pai é o Senhor”. **1.** Mulher de Hezrom e mãe de Asur, da tribo de Judá. Estava grávida quando o marido morreu, tendo o filho nascido logo após a morte do pai, 1Cr 2:18-24.

2. A mãe do rei Ezequias, 2Cr 29:1. Em 2Rs 18:2 tem o nome abreviado, **Abi**. Seu filho foi um dos mais notáveis reis de Judá. Ele tornou-se famoso tanto devido à sua excepcional piedade, como por suas vigorosas atividades políticas. Seu marido, Acaz, foi um péssimo rei, tendo buscado auxílio junto à Assíria, abraçando os seus ídolos. Por essa aliança, despojou o Templo do ouro, da prata e dos seus tesouros. Chegou a queimar os próprios filhos, irmãos de Ezequias, no fogo. Foi tão abominável que, ao morrer, nem foi sepultado nos sepulcros dos reis, 2Rs 16 e 2Cr 28. Há quem suponha, devido à cronologia do reinado de Ezequias, que ele tivesse sido co-regente de Acaz desde cerca de 729 a.C., começando a reinar como único ocupante do trono em cerca de 716 a.C., portanto, durante 13 anos. Conclui-se que a influência benéfica que ele recebeu, não foi do seu pai, mas sim, de sua mãe, a **rainha-regente**. Tomado por coragem e amor a Deus, Ezequias procedeu a reformas grandiosas nos âmbitos religioso, político e administrativo e foi bem-sucedido, promovendo um avivamento espiritual durante o seu reinado, 2Cr 29-31. Abias devia ser

uma mulher de oração, temente a Deus e observadora das Suas leis, visto que seu filho foi poupado durante a insana atitude do rei Acaz em sacrificar os filhos aos deuses das nações.

ABIAIL. Hb “pai de força”. **1.** Esposa de Jerimote, seu primo e filho de Davi. Mãe de **Maalate**, a esposa de Roboão, que reinou no lugar de Salomão. Seu pai era Eliabe, o irmão mais velho de Davi, 2Cr 11:18, segundo a ed. Revista e Atualizada no Brasil. A ed. Revista e Corrigida na grafia simplificada, apresenta Abiail, a filha de Eliabe, como uma outra esposa do rei Roboão, junto com Maalate, apresentada como filha de Jerimote.

2. Mulher de Abisur, 1Cr 2:29, mãe de Aba e Molide, da tribo de Judá.

ABIGAIL. Hb “meu pai é alegria” ou “o pai alegrasse”. **1.** Uma irmã de Davi, **esposa** de Itra (Jéter, em outras traduções), 1Cr 2:16, 17. Foi **mãe** de Amasa, eleito por Absalão, seu primo, comandante do arraial em lugar de Joabe, de quem era **tia**, 2Sm 17:25. Seu filho liderou os exércitos de Absalão na revolta contra Davi. Abigail sofria, pois via o próprio filho se juntando a um primo rebelde contra o rei, que era seu irmão. Em 2Sm 18:6-17, vemos Amasa, perdoado por seu tio Davi, sendo nomeado pelo mesmo comandante de seus exércitos, em lugar de Joabe, 19:13. Ao nomear Amasa, Davi esperava conquistar de volta aqueles que haviam

ABIGAIL

se juntado à rebelião de seu filho, especialmente os do exército de Judá. Ele também revelou seu permanente ressentimento contra Joabe, por ter desconsiderado sua vontade, matando seu filho Absalão. Ao recompensar um rebelde ao invés do leal Joabe, Davi deixou que a tristeza afetasse seu julgamento. Isso despertou o ciúme de Joabe, o qual, no momento crítico em que Davi se preparava para regressar a Jerusalém, matou traiçoeiramente o primo Amasa. Esta sucessão de fatos vem demonstrar o clima de tensão e discórdia que permeava essa família, o que deve ter trazido muitos sofrimentos e angústias para Abigail, 20:8-12.

2. Mulher de Nabal, um carmelita (hb “sem juízo”) da casa de Calebe, 1Sm 25. Nabal, segundo palavras do texto, era homem duro e maligno, vil e sem diálogo; tolo, louco; pródigo e bêbado. Este insultou a Davi, o qual ajudara seus pastores e agora lhe pedira auxílio, negando-se a ajudar seus homens. Ofendido, Davi determinou exterminar com Nabal e tudo o que ele tivesse. Abigail foi inteirada da situação e, temendo, apressou-se e tomou víveres, dirigindo-se, determinada, a Davi e seus homens. Nada declarou ao marido (atitude que a Bíblia não incentiva para a **esposa**, mas era um caso de salvamento e extrema necessidade, que a sabedoria divina a inspirou).

Mesmo agindo com sacrifício próprio, ela foi decidida, confiando na operação do Senhor em seu favor. Encontrou Davi no caminho e ouviu-o falar sobre a vingança que faria. Novamente apressou-se, desceu do jumento, prostrou-se diante de Davi, em atitude de respeito, intercedendo com humilhação. Trouxe-lhe presentes e mostrou obediência e temor ao Senhor, através do seu diálogo. Pediu perdão e expressou bons votos para Davi e seus acompanhantes. A presença de Abigail trouxe Davi de volta à razão e seu comportamento criativo e hospitaleiro o desconcertou. Apesar de agir contra a decisão do marido, ela o livrou e a toda a sua casa da morte.

À semelhança de José, Gn 40:14-15, pediu que se lembrasse dela, quando Davi fosse exaltado, achando graça aos seus olhos e afastando o perigo

da vingança. Somente comunicou o feito ao marido em momento de sobriedade. Deus vingou Davi e exaltou Abigail, quando, dez dias depois do ocorrido, Nabal faleceu, ferido pelo Senhor. Este fato trouxe alívio a Davi, pois confiou a vingança ao Senhor e Ele correspondeu prontamente. Tão logo soube da morte de Nabal, Davi pediu que Abigail fosse sua esposa e continuasse abençoando-o com a sua sabedoria.

Abigail possuía excelentes qualidades: a) formosa e sábia; b) de notável bom-senso; c) amava ao Senhor; d) sua hospitalidade diplomática, bondade e presença de espírito evitaram uma explosão de vingança; e) moralmente era superior a **Bate-Seba**, outra esposa de Davi; f) humilde e servil; g) era determinada, apressando-se em tudo que decidia fazer.

Quando os amalequitas tomaram Ziclague, ela foi levada cativa. Davi, porém, indo no seu encalço, desbaratou os invasores e libertou-a juntamente com **Ainoã**, outra esposa de Davi e os demais cativos, 1Sm 30:5, 18. Teve de Davi um filho por nome Quileabe, 2Sm 3:3, chamado Daniel em 1Cr 3:1.

ABISAGUE. Hb “meu pai foi homem errante” – 1Rs 1:1-4 – moça sunamita, virgem, sobremaneira formosa. Era proveniente de Suném, situada na planície de Esdraelom, logo ao sul do mar de Quinerete. Foi trazida para aquecer o rei Davi em sua velhice, quando as forças lhe faltaram. Cuidou dele e o serviu, sem ter com ele nenhuma relação física, v.4. Estava presente quando Davi prometeu à Bate-Seba que Salomão seria o seu sucessor, 1Rs 1:15, conhecedora, portanto, da vontade do monarca acerca do reino. Após a morte do pai, Adonias, filho mais velho de Davi, pediu Abisague a Salomão, por intermédio de **Bate-Seba**, 1Rs 2:13-25. Embora virgem, Abisague fazia parte do harém de Davi. Adonias a queria, porque possuir uma herança do rei era o mesmo que reivindicar o trono, já que o príncipe regente ficava com as **concubinas** do rei morto. Salomão não só recusou seu consentimento, como mandou que o matassem, por julgar que o seu pedido envolvesse um plano insidioso para subir ao trono, em face das intrigas que havia em torno da sucessão em

Israel. Essa moça, até onde se tem notícia, não teve a oportunidade de ser feliz, pois permaneceu entre as concubinas, porém sem nunca ter sido tocada por varão.

ABITAL. Hb “meu pai é orvalho” ou “pai do orvalho” – 2Sm 3:4; 1Cr 3:3 – uma das mulheres de Davi e mãe de Sefatias, o seu quinto filho, nascido em Hebrom. Quando Davi foi ungido rei de Judá e subiu para Hebrom, estava acompanhado de duas mulheres: **Ainoã** (ou Aquinoã) e **Abigail**, 2Sm 2:2. Abital foi tomada como mulher em Hebrom, na época do seu reinado de sete anos e meio, quando o rei contava com pouco mais de 30 anos, 2Sm 5:4-5. De seu filho não se tem nenhuma informação, além do nome; sem destaques ou proeminências, tanto ele como a mãe, apenas passaram pela história de Davi e não tiveram nenhum destaque especial nos registros bíblicos.

ABORTO. Abortar significa expulsar o feto sem que ele tenha condições de vitalidade; dar à luz antes do término da gestação. Aborto, portanto, é a interrupção da gravidez, em consequência de problemas de saúde ou por meio doloso. O aborto pode ser realizado espontaneamente ou estimulado por meio de processos medicamentosos ou clínicos. O aborto é espontâneo quando surge por efeitos naturais, exterior à vontade humana, geralmente por doença da mãe ou por deficiências cromossômicas do feto. Com relação a esse tipo de aborto não se opõe qualquer problema ético ou bíblico, uma vez que ele surge, geralmente, contra a vontade da mãe e em circunstâncias naturais.

Existe o aborto provocado, onde a criança torna-se indesejável por algum motivo e é expelida por estimulação ou retirada por meios clínicos. Embora a Bíblia não aborde de maneira específica o tema do aborto, claramente considera o feto como uma vida humana completa. Essa vida deve ser protegida da mesma forma que Deus nos chama para defender a vida de todos os seres inocentes.

Na maioria dos países, a palavra “aborto” desperta fortes reações e gera discussões acaloradas entre

legisladores, juizes, políticos e religiosos. Casos extremos, tais como a gravidez de jovens vítimas de estupro, são usados para injetar um alto nível de simpatia emocional nas discussões. Sendo Deus o doador da vida, os cristãos entendem que esta não é uma mera questão emocional ou legal. Não se pode confiar nas autoridades do governo para decidir o que é certo e o que é errado em questões que envolvem a vontade de Deus. Governos humanos estão longe de serem perfeitos e, freqüentemente, permitem coisas que Deus proíbe. É preciso seguir o exemplo de Pedro e dos outros apóstolos: *“Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens”*, At 5:29.

Enquanto que Deus usa governos humanos para punir os malfetores, especialmente os assassinos, Rm 13:1-7; Gn 9:6, Ele nunca deu ao homem o direito de matar seres humanos inocentes. Debates sobre o aborto freqüentemente agitam essa questão, provocando diferentes argumentos filosóficos e médicos. Alguns sugerem que a vida começa quando o feto oferece condições de sobreviver fora do útero. Mas uma tal definição é artificial e está constantemente se alterando. Mesmo depois do nascimento, um recém-nascido é totalmente dependente da proteção e do cuidado de outros. Outras pessoas sugerem que a vida começa com a primeira respiração. É verdade que a vida de Adão começou desse modo, Gn 2:7 e que os corpos ressuscitados foram considerados vivos quando o espírito soprou sobre eles e eles se levantaram, Ez 37:8-10; Ap 11:11. Mas esses fatos não provam que uma criança ainda não-nascida não esteja viva, ou que Deus não reconhece o seu valor. Não se pode usar o caso excepcional da criação de Adão, o qual nunca foi um feto, para justificar a matança de seus inocentes descendentes. Aqueles que buscam indicações bíblicas para o começo da vida deverão considerar também o princípio em Gn 9:4, de que a vida está no sangue. Quando a maioria das mulheres consegue confirmar que estão grávidas, o sangue já está circulando no corpo do filho ainda não-nascido. O sangue do embrião, diferente do sangue da mãe, circula bem cedo, freqüentemente antes da mãe confirmar a gravidez.

ABORTO

Os seres humanos têm lugar especial no plano de Deus desde a concepção. Cada pessoa tem sua própria identidade antes de nascer. É interessante observar o modo como são descritas na Bíblia as crianças em gestação. Dois fatos notáveis se tornam evidentes: primeiro, a linguagem usada para descrever a criança não-nascida é a mesma usada para descrever a criança humana já nascida, Sl 139:13-16; Is 49:1,5. Deus não autoriza a mãe nem a ninguém a derramar o sangue dessa criança inocente, Gn 25:21-22; Jó 3:3; Lc 1:36, 41, 44, 57; 2:7, 12; At 7:29. Segundo, Deus reconheceu a importância das crianças desde antes de nascer, Jr 1:5; Gl 1:15. Não há apoio bíblico para a idéia de que a vida de uma criança no útero possa ser destruída.

A vasta maioria dos abortos é feita por motivos inegavelmente egoístas. O grito de guerra dos que são favoráveis ao aborto reflete claramente uma devoção idólatra ao suposto direito da mulher de “livre-escolha”. É o corpo dela, eles insistem, assim ela teria direito de decidir abortar ou não. Esse não é o lema de preocupação amorosa e desprendida pelos outros, já que a criança não tem escolha. É a divisa das pessoas egoístas, que colocam sua liberdade sexual, progresso na carreira, segurança financeira ou sua própria saúde acima do bem-estar da criança que está no útero. Uma vez que ela concebeu, seus interesses egoístas devem dar lugar ao amor materno. Ela deve buscar o que é melhor para seu filho, e não para si. A mulher que mata seu filho demonstra egoísmo e uma falta de afeição natural, sinais claros de inimizade com Deus, 2Tm 3:2-5. A mulher que ama a Deus também amará seus filhos, Tt 2:4.

A lei do Velho Testamento não autorizou o aborto. Há os que usam a passagem de Êx 21:22 para justificar o aborto natural como coisa de mínima importância, assim mostrando que não há proteção especial para a vida antes do nascimento. O texto, porém, trata de nascimento prematuro como consequência de uma briga, e não justifica a decisão de abortar um filho. Se a criança morresse, daria vida por vida, 21:23. Abordando o assunto do lado positivo, o Velho Testamento valoriza a vida humana desde a concepção: a vida

humana é santificada porque o homem foi feito à imagem de Deus, Gn 1:27.

Tentativas modernas de desumanizar as crianças em gestação referindo-se a elas como meras massas de tecidos ou fetos impessoais não são baseadas em princípios bíblicos. Durante décadas, os defensores do aborto têm usado casos emocionais para abrir as comportas e permitir o aborto ilimitado. A pesquisa tem documentado que os casos extremos, como estupro, incesto, risco à vida da mãe, defeitos natos sérios, respondem por uma pequena porcentagem, provavelmente menos de 2% de todos os abortos. **Estupro** e **incesto** são errados e os criminosos deverão ser punidos. Estupradores cometem um crime terrível contra mulheres e meninas inocentes. Isso, contudo, não justifica a matança de crianças inocentes. Crianças mortas não são as únicas vítimas do aborto.

O aborto é, antes de tudo, um procedimento físico, o qual produz um choque no sistema nervoso e que deve provocar um impacto na personalidade da mulher. Além das dimensões psicológicas, cada mulher que se submeteu a um aborto deve encarar a morte de seu filho que não nasceu como uma realidade social, emocional, intelectual e espiritual. Quanto maior a rejeição, maior a dor e a dificuldade quando a mulher resolve finalmente enfrentar a realidade da experiência abortiva. Aqueles que tomam e executam a decisão de tirar vida inocente sofrem muito tempo depois que o ato é praticado. Primeiro têm que enfrentar o sofrimento espiritual de saber, apesar de todas as racionalizações e justificativas, que o que fizeram fora errado. A verdade é que quando uma mulher aceita se submeter a um aborto, ela concorda em assistir à execução de seu próprio filho. Esta amarga realidade que ela tem de encarar se opõe vivamente àquilo que a sociedade espera que as mulheres sejam: pacientes, amorosas e maternais. Isso também vai contra a realidade biológica da mulher, que é plasmada precisamente para cuidar e nutrir seu filho ainda não nascido. Assumir o papel de “matadora”, particularmente de seu próprio filho, sobre o qual ela própria reconhece a responsabilidade de proteger, é extremamente

doloroso e difícil. O aborto é tão contrário à ordem natural das coisas, que ele automaticamente induz a uma sensação de culpa. Somente o arrependimento genuíno e a submissão a Deus podem curar o dano espiritual feito em um aborto. Segundo, o aborto quase sempre causa problemas emocionais duradouros na vida daqueles que se envolveram, especialmente a mãe que nunca esquece da criança que ela resolveu matar. Pesquisas têm mostrado que os abortos frequentemente causam problemas psicológicos severos, tanto imediatos como tardios.

O trauma após o aborto é frequentemente tão severo que a mulher ou seus cúmplices sentem-se imperdoáveis. É óbvio que não se pode desfazer os erros do passado, a não ser quando eles são confessados com arrependimento e permite-se que o sangue de Jesus os apague, 1Jo 1:7. O remorso que é sentido pelos pecados passados não precisa destruir o futuro. Não se pode ignorar o que foi praticado ou simplesmente esquecê-lo. É preciso voltar para Deus e resolver o problema com Seu auxílio: *“Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte”*, 2Co 7:10. Finalmente, podemos considerar que, quanto mais nova for a mãe, maior será a probabilidade de que ela fique estéril se fizer um aborto (uma estatística feita no Canadá concluiu que 30% das meninas de idade entre 15 e 17 anos que fizeram abortos ficaram estéreis).

Jesus confirmou o valor da vida do nascituro no ventre por meio de Sua própria encarnação, vindo como um bebê ao invés de chegar à terra como adulto, Mt 1:20-21, 25. O Senhor afirma que a pessoa é Dele antes de vir ao mundo, Sl 22:10. Vemos que João Batista “saltou” no ventre da mãe, **Isabel**, quando ela reconheceu a vinda do Messias, Lc 1:41-45. Estes e outros textos falam sobre a criança ainda por nascer como um ser humano real, não como um simples projeto que se tornará um ser humano ao nascer.

ACSA. Hb “tornozeleira”, “faixa de perna” ou “amuleto” – **filha** de Calebe, e **neta** de Jefoné. Um dos espias fiéis, Nm 13 e 14, Calebe estava já em idade avançada e prestes a conquistar a sua terra,

Quiriate-Sefer, que era habitada por gigantes, Js 15:4. Calebe procurava alguém que assumisse tal empreendimento, prometendo a mão da sua filha Acsa como prêmio. Não era um ato de rebaixamento, mas uma garantia para sua filha, a qual correspondia ao desejo do pai. Também, nas culturas do antigo Oriente Próximo, era comum o noivo oferecer um dote ou o preço de uma **noiva** para ter uma **esposa**, e, nesse caso, a vitória numa batalha era um pagamento apropriado. A terra era a maior riqueza de Israel, porque tudo dependia dela: adoração, lar, alimento, segurança financeira e política e capacidade para constituir uma família. O conquistador ganharia a terra e a esposa, e seu primo Otniel foi o valente candidato e o vencedor na conquista da terra. A fé e a perseverança de Calebe em servir ao Senhor foram galardoadas em sua filha Acsa, que teve um marido honrado, forte, corajoso, cheio do Espírito Santo e primeiro juiz de Israel, Jz 3:10. Naquele tempo, boa parte da responsabilidade pela plantação e colheita recaía sobre as mulheres, o que se tornava parte importante da sua profissão. Ela assumiu o seu dever na área profissional, persuadida pelo marido em uma visão de prosperidade, Jz 1:14. Já dona de uma área de terra seca no Neguebe e precisando de água para favorecer o cultivo da terra e a criação de animais, dirigiu-se ao pai para apresentar sua necessidade, v.15, pedindo-lhe *fontes de águas*. Acsa não estava sendo gananciosa, mas demonstrava envolvimento e interesse por sua herança, seu casamento e o futuro de sua família. Conquistado por sua humildade, objetividade e sobriedade, o pai concedeu-lhe *fontes superiores e inferiores*, ou seja, um campo regado por boas águas, v. 15b. Conferir Tg 4:2 e Lc 11:9. Sendo seu marido juiz por 40 anos, e *estimado entre os juizes*, deduz-se que fosse **mulher virtuosa**, Pv 31:23-27.

ADA. Hb “beleza” ou “adorno”. **1.** Uma das mulheres de Lameque, descendente de Caim, Gn 4:19-23. Lameque, ao casar-se com duas mulheres, ilustra com sua família o afastamento de Deus, como o primeiro a quebrar o padrão estabelecido pelo Senhor, segundo o qual cada

homem deve unir-se a uma mulher no casamento, Gn 2:24. Mãe de dois homens importantes do início: Jabal, progenitor dos “*pastores nômades, que habitam em tendas e criam gado*”, v.20 e Jubal, “*pai de todos os que tocam harpa e órgão*”, v.21. Seus filhos possuíam duas qualidades maravilhosas: Jabal, a coragem e força para o trabalho; Jubal, a sensibilidade e o poder criativo para o louvor. Pelo caráter e sensibilidade de seus filhos e pela citação do seu nome antes de **Zilá**, Ada deve ter sido a primeira esposa, talvez não participante da decisão do marido em tomar outra mulher. Zilá concordou em ser a outra esposa, e seu filho Tubalcaim foi o criador dos instrumentos cortantes, talvez já incluindo as primeiras armas de guerra. Chamadas pelo marido, as mulheres o ouviram vangloriar-se de ser vingativo e homicida, por meio de um poema de auto-exaltação, vv. 23 e 24, lembrando o pecado que já dominava o mundo, bem como o juízo de Deus que viria sobre ele (que a família, sem dúvida, sofreria junto). Certamente, os filhos, trabalhadores, criativos e sensíveis, herdaram da mãe as suas qualidades, visto o pai ser um homem violento e sem temor a Deus.

2. Uma das mulheres de Esaú, tomada dentre as mulheres de Canaã, Gn 36:2-16. Foi “*amargura de espírito*” para os pais de Esaú, Gn 26:35. **Mãe** de Elifaz, de quem procederam seis tribos iduméias. Ada seguiu Esaú, juntamente com as outras mulheres e os filhos, para a montanha de Seir, a fim de não habitarem próximos a Jacó em Canaã. Seus filhos foram chamados de “edomitas”, ou “vermelhos”, devido ao guisado pelo qual Esaú vendeu sua primogenitura a Jacó, Gn 25:30-34. Seus descendentes sempre se opuseram a Israel, em todas as circunstâncias, através de séculos até Hamã, personagem relatado no livro de **Ester**, que era descendente do Rei Agague, Et 3:10; 1Sm 5:8ss. As últimas notícias acerca dos idumeus datam do tempo de Herodes, que era um deles. Ver **Basemate** e **Oolibama**.

ADJUTORA. Ajudadora, auxiliar. O prefixo “ad” representa “aproximação”; “direção”; “aumento”; “acrescentamento”; “mudança de estado”;

“transformação”. Este termo foi utilizado para justificar a formação da mulher, no princípio da criação divina.

1. Como adjutora do homem - A **mulher**, ao ser criada a partir do homem, foi formada com o propósito de ser uma adjutora que lhe correspondesse, Gn 2:20-23. A idéia de que o homem precisa de uma ajudadora idônea, isto é, alguém à sua altura, adequada para ele, foi de Deus. O Senhor deliberadamente fez dois seres diferentes, para se complementarem não só fisicamente e voltarem a ser um através da união de seus corpos, mas em todos os aspectos de suas vidas. Portando a identidade tanto de Deus quanto do homem, a mulher trouxe em si mesma um caráter duplo na sua criação: “imagem de Deus tirada do homem”. O termo traduzido como “adjutora” não tem, propriamente, uma idéia de subordinação, já que o vocábulo é usado até com relação a Deus, que se identifica como “ajudador” de Israel, Gn 49:25; Ex 18:4; Dt 33:7. Ao dizer que estaria criando uma auxiliadora, ou ajudadora idônea para o homem, Deus usou uma palavra que significa, no original, aquele que cerca, protege, ajuda ou socorre. Somente em duas passagens esse termo é usado para se referir à mulher. Em todos os outros, é usado para se referir a Deus, o ajudador do Seu povo. A existência do homem em si faz parte do plano e do propósito de Deus para a raça humana. Dentre todas as características diferentes com que Deus fez a mulher, há uma que se destaca de modo especial. Por ser em seu corpo que as novas vidas são geradas e criadas até o parto, e através dele que são nutridas depois do nascimento, a mulher é ligada de uma forma básica aos filhos, e, conseqüentemente, às pessoas. Deus criou a mulher com certas características que seriam necessárias para que o mundo fosse administrado de forma sábia e perfeita. Isso estaria de acordo com a sabedoria e perfeição da Sua obra de criação. Deus colocou em cada um dos seres que criou algumas coisas que são importantes para cumprirem sua parte no cuidado da criação e do outro. Assim, algumas coisas são naturais para o homem. Outras, são naturais para a mulher. Entretanto, como ser inteligente, um pode aprender com o outro aquilo que não lhe é natural.

A palavra “adjutora” descreve uma função mais do que digna. Ninguém perde valor ao assumir com humildade o papel de auxiliador. Como “auxiliadora” do homem, a mulher torna-se espiritualmente sua parceira na pesada tarefa de obediência a Deus em sua ordem de encher a terra e exercer domínio sobre ela. Assim, ela também é a ajudadora principal, no processo de multiplicação das gerações, Gn 1:28. Deus criou Eva para suprir Adão, que seria incompleto sem ela. Assim, a identidade completa de Adão, derivada de Deus, derivou também de Eva, Gn 2:23. Designada para ser a perfeita contraparte do homem, a mulher não é nem superior, nem inferior, mas equivalente e igual ao homem em sua pessoalidade, porém diferente e única em sua atuação. Como adjutora, a mulher forma, com o homem, um laço forte e duradouro que os mantém ligados por um compromisso incondicional de amor e de aceitação, resultando numa unidade, uma combinação muito mais forte do que a energia que cada um possuía separadamente antes.

O que faz uma ajudadora? Auxilia em momentos de incapacidade, de limitação. Aconselha, em momentos de decisão. Supre as necessidades e assume, quando a pessoa precisa se ausentar. Soma, multiplica, de maneira que haja prosperidade e crescimento àquele ao lado do qual ela foi colocada. O papel da mulher, como ajudadora, é fundamental para o bom andamento da família, para o equilíbrio das atividades sociais e para a segurança espiritual, visto que o tempo dela pode ser maior do que o do homem, para dedicar-se à oração e exercícios de fé. A sociedade, abalada por um sistema pecaminoso e cheia de violência e imoralidade, precisa urgentemente de mulheres que, firmadas nos princípios de Deus, usem toda a sua feminilidade para ministrar, com talentos especiais, onde Ele as colocar. Sempre procurando ser aquelas que honram o marido e os filhos, que lutam pelo lar, pela vitória da família e não aquelas que vivem uma vida egoísta, pensando somente em coisas materiais, falhando no principal papel para o qual Deus as formou.

O plano de Deus para as mulheres não mudou, mas a missão que Ele lhes deu é agora muito mais

difícil de cumprir porque vivem num mundo totalmente adverso aos princípios divinos. Os maridos, filhos, parentes chegados, colegas, chefes, são pessoas que raramente oferecem a aceitação, o respeito e o amor que tanto desejam. A mulher não pode depender das pessoas para se sentir valorizada. Ela pode sentir dificuldades em dar aquilo que os seus tanto desejam, pois tem suas próprias carências, seus próprios interesses em mente. Carências estas, que acham perfeito suprimento no Espírito Santo de Deus, o qual deve ser buscado com insistência, para que a ajude em sua tarefa de adjutora. Mesmo o melhor marido do mundo não pode prometer que estará sempre ao seu lado, porque não é ele quem determina a data da sua morte. Só há uma Pessoa que pode prometer isso, e já o fez: *“De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei”*, Hb 13:5. Ele é o Ajudador do Seu povo e deseja exercer a primazia nos sentimentos da mulher, porque sabe que somente dentro da esfera do Seu amor perfeito e do Seu propósito sábio, ela será verdadeiramente livre para encontrar e cumprir esse propósito maravilhoso e essencial de ser a ajudadora idônea que Ele criou para ser. O Senhor é o único que lhe dará a perfeita realização como mulher e como filha de Deus.

2. Como adjutora de Deus – parece redundante esta expressão, mas, na verdade, ao criar a mulher, o Senhor via nela também uma ajudadora na obra do Seu reino. Primeiramente, o plano divino de encher a terra e multiplicar a raça humana depende essencialmente da mulher, cujo óvulo, sendo fertilizado, gera em seu ventre a nova vida. Em segundo lugar, é notório que as ações das mulheres podem determinar os rumos de uma nação, de um povo, de uma comunidade, de uma **família** ou até de uma igreja. A família, célula mater da sociedade, depende quase que cem por cento da sabedoria da mulher para edificá-la. Salomão afirmou: *“toda mulher sábia edifica a sua casa, mas a tola, com as suas mãos a destrói”*, Pv 14:1. Em Tg 1:5,6, há uma garantia de que, se a pessoa não tiver sabedoria, deve pedir a Deus com fé, que Ele a dará de graça. Quando a mulher age com sabedoria, na dependência de Deus, buscando a

ADJUTORA

direção do Espírito Santo, torna-se cooperadora do maior alvo de Deus, que é formar famílias que vivam e divulguem o plano que Ele estabeleceu para a salvação do homem. Quando as famílias são equilibradas, a comunidade vive em paz, a sociedade melhora, a nação pode investir mais em projetos de expansão e benefício, do que em segurança e meios de castigar infratores às suas leis.

Há um ditado popular onde se diz que “*por trás de todo grande homem, existe uma grande mulher*”. Isto é bem verdade: Deus usou várias **mulheres na vida de Moisés**, mães na vida de reis e profetas, **Maria**, na criação de Jesus e Seus irmãos, **Eunice** e **Lóide** na educação de Timóteo. A história nos informa acerca de grandes avialistas, ganhadores de almas para o reino, que foram tremendamente influenciados por suas mães. Existem também grandes mulheres, como no caso de **Abigail**, que estão por trás de homens terríveis, mas que se propõem a mudar a história de sua família, lutando, por meio da sabedoria e dedicação, para melhorar a situação e criar filhos para uma outra visão de vida. Assim foi com Eunice, que era **judia** e casada com grego, a qual criou seu filho no temor do Senhor. Ou mulheres, a exemplo de **Raabe** e **Maria Madalena**, entre outras, que, vivendo sob o jugo do pecado e a influência de demônios, tomaram posição e se converteram a Deus, tornando-se úteis para o povo de Deus, para os homens de Deus e para a salvação das preciosas almas. Temos muito clara a situação dos judeus, quando, no cativeiro, estavam destinados à destruição pelo imperador persa, e Deus usou uma jovem bela, **Ester**, para livrar o seu povo e ainda exaltar aquele que a criara, seu primo Mardoqueu.

As igrejas são abençoadas por mulheres **intercessoras, evangelistas, diaconisas, conselheiras, anfitriãs, visitadoras**, que agem voluntariamente, por amor a Deus. Por outro lado, se a mulher perder esta visão de adjutora na obra de Deus, poderá ser um instrumento poderoso nas mãos de Satanás, como foi **Eva**, a qual trouxe tremenda maldição sobre toda a humanidade. Vemos **Atalia**, mãe do rei Acázias, que aconselhava o filho para fazer o mal. E também **Jezebel**, que foi

um verdadeiro demônio contra a nação de Israel. O poder de sedução, de conquista, de influência que uma mulher tem, se não estiver debaixo do senhorio de Cristo, é exacerbado por Satanás, que o usará para seus planos de destruição, como foi no caso de **Salomé** e João Batista. Para melhor compreensão, consulte notas sobre os nomes em negrito. Ver ainda, **casamento, divórcio e submissão**.

3. Como adjutora do diabo – Queira ou não, a mulher sempre será uma adjutora. Se ela perder a visão de adjutora na obra de Deus, poderá ser um instrumento poderoso nas mãos de Satanás, como foi **Eva**, a qual trouxe tremenda maldição sobre toda a humanidade. Vemos **Atalia**, mãe do rei Acázias, que aconselhava o filho para fazer o mal. E também **Jezebel**, que foi um verdadeiro demônio contra a nação de Israel, ensinando a idolatria, perseguindo os profetas e servos de Deus e induzindo o rei contra o temor ao Senhor. O poder de **sedução**, de conquista, de influência que uma mulher tem, se não estiver debaixo do senhorio de Cristo, é exacerbado por Satanás, que o usará para seus planos de destruição, como foi no caso de **Salomé** e João Batista. Ver os itens específicos de cada nome.

É interessante notar que, por trás de várias religiões e seitas heréticas, bem como de divisões nas igrejas, tem uma **profetisa** ou uma mulher influente, como por exemplo, no caso do Adventismo. Se formos olhar para a história de Helen White, a “profetisa” dos adventistas, veremos que era mulher dada a experiências espiritualistas, com atitudes de demência, entregue a adivinhações. Assim, também com as principais mentoras do Movimento Nova Era - Helena P. Blavatsky, Alice Bailey e Marilyn Ferguson - as quais formaram discípulos que se tornaram porta-vozes do Maytréia, ou do anticristo.

Como adjutoras do diabo, as mulheres podem ser instrumentos de mexericos dentro da Igreja, de fofocas e confusões malignas. Tais atitudes dividem o rebanho, prejudicam obreiros, causam confusões danosas ao bom andamento da obra do Senhor. Elas podem, ainda, destruir o seu casamento, com atitudes sugeridas por demônios, por meio de

ciúmes, discussões, contendas. E ser também um elemento negativo na criação dos filhos, com críticas, maus conselhos e tudo que possa contribuir para o desvirtuamento do caráter deles.

ADOÇÃO. Aceitação voluntária e legal de uma criança como filho. O mesmo que perfilhação ou perfilhamento. No processo de adoção, a pessoa, parente ou não, assume as responsabilidades de cuidar do filho de outra pessoa como se fosse seu próprio filho. A Bíblia não relata explicitamente como era o processo legal nem os direitos e responsabilidades exigidos para a adoção. No primeiro século a adoção era uma forma usual do homem poder perpetuar a sua herança, no caso de não ter filhos.

O Velho Testamento registra alguns casos de adoção: **Ester**, pelo seu primo Mordecai, Et 2:15; Moisés, pela **filha de Faraó**, Êx 2:10. Embora as Escrituras não o especifiquem, entendemos que Lia adotou os filhos de Raquel, pois esta morreu no parto de Benjamim e quando José era muito novo ainda. Ver a **lei do levirato**, que protegia a descendência dos homens falecidos em Israel.

No Novo Testamento, vemos José adotando Jesus como seu próprio filho aos olhos de Deus e dos homens. Jesus, com isso, recebeu todos os direitos de herança traçados da linhagem de José até Ele, Mt 1:1-15, o que Lhe conferiu direito legal de reivindicar pertencer à linhagem de Davi. Embora a realidade tenha demonstrado algumas exceções, todos esses casos narrados na Bíblia representam pessoas que se tornaram bênçãos na história da família que as adotou e na história de Israel e do mundo.

A pessoa que é adotada recebe plena posição e direitos dentro da família, Rm 8:15-17. Ela não pode ser estigmatizada, mas deve ser amada em dobro, devido à sua condição de rejeição ou perda dos pais biológicos. A adoção é um processo divinamente autorizado, abençoado por Deus e com implicações legais para acrescentar mais um membro à família e passar adiante a herança familiar, Gl 4:5; Ef 1:5.

A palavra “adoção” no N. T. tem alguns significados: a) a escolha que Jeová fez para que

a nação judaica fosse o Seu povo, Rm 9:4; b) a eleição de todos os verdadeiros cristãos como filhos de Deus, em um sentido todo especial, Gl 4:5; Ef 1:4. O espírito de adoção nos habilita a amar a Deus da mesma forma que os filhos amam um pai extremo. Distingue-se do espírito de servilismo que impele uma pessoa a ter por Deus o mesmo sentimento que um escravo tem pelo seu dono, Rm 8:14-21; c) a redenção do corpo; a sua libertação da dor e da morte, por um estado de glória, Rm 8:23.

Considerando tal exposição do uso do termo no N.T., ao aceitar a Jesus como Salvador, o Espírito Santo completa na pessoa um processo de adoção em seu favor, tornando-a filha de Deus, portanto, podendo chamá-lo de Pai (Abba). Como filha de Deus, a pessoa irá herdar um lar perfeito com Ele e, enquanto isso, terá acesso imediato a Ele para buscar orientação, provisão e consolo, já que sua adoção é irrevogável.

A madrasta ou mãe de criação deve fazer um esforço redobrado de oração e busca da ajuda do Espírito Santo, para que possa conquistar o coração do filho adotivo, a fim de exercer sobre ele uma influência boa, positiva e altruísta. Geralmente essa criança já foi rejeitada pela mãe biológica ou a perdeu de forma prematura ou trágica e os seus traumas somente serão vencidos com muito amor, coragem, paciência e oração. É preciso, também, que se trabalhe junto à parentela, para que aceite essa criança como da família, tratando-a com o mesmo respeito e deferência com que trata os parentes legítimos.

Não se deve esconder do filho adotivo a sua real situação, nem permitir que tal estado prejudique o bom relacionamento dentro da família. Também, deve-se permitir que ele desenvolva um sentimento de afeto com a mãe biológica, se ainda existir, ou com a sua lembrança, se já for falecida. E jamais se deve estabelecer diferenças entre o filho adotivo e os filhos biológicos, se houver, mas procurar tratar a todos com igualdade, pedindo a Deus amor genuíno e sacrificial por sua pessoa.

ADOLESCÊNCIA. Ver **puberdade**, onde consta importante estudo sobre essa fase da vida.

ADORNO

ADORNO. Ornato, atavio, enfeite. Ornamentos com ouro, prata, pedras preciosas, eram usados em construções, como do templo de Salomão, 1Rs 6 e 7 e outros palácios e também em cidades, Ap 18:16. Os fariseus adornavam as sepulturas, Mt 23:29. João viu a Nova Jerusalém ataviada como noiva, Ap 21:2. O enfeite faz parte da apresentação pessoal, sendo que foi um assunto relevante na Igreja no tempo dos apóstolos. Paulo o abordou, 1Tm 2:9 e Pedro também, 1Pe 3:3-5. O V.T. também fala sobre os adornos em diversos textos, ver Is 3:16-24, Ez 16 e Os. 2:13. Um registro sobre os enfeites de **Jezebel** encontra-se em 2Rs 9:30.

A Bíblia chama a **serva** de Deus à moderação, 1Tm 2:9. Pedro enfatiza mais o enfeite espiritual, como a **mansidão** e a obediência, que embelezam o caráter da **mulher**, 1Pe 3:3. O texto de Pv 31:30 ressalta que a graça e a formosura são enganosas, mas a mulher é louvada pelo seu temor ao Senhor. Figuradamente, deve-se adornar a doutrina, Tt 2:10; enfeitar “*o homem escondido no coração*”, 1Pe 3:4; Is 61:10; ornar-se de excelência e grandeza, Jó 40:10; ornar-se com amor, Ct 3:10. O ensino do pai e a instrução da mãe são diadema de graça para a cabeça e colares para o pescoço, Pv 1:9; 3:22. A língua dos sábios é adorno, Pv 15:2. O entendimento dará diadema de graça e coroa de glória, Pv 4:9. O Senhor adorna os humildes de salvação, Sl 149:4. A Igreja do Senhor é recamada de ouro, Sl 45:13.

Quando o espírito imundo sai do ser humano, este torna-se uma “casa” varrida e ornamentada, Mt 12:44. Isso representa a pessoa adornada com salvação, com mudança no caráter, com a limpeza de todo o pecado que “enfeia” a pessoa. Se ela mantiver sua “casa” limpa, adornada, o inimigo não terá poder sobre ela, porém se deixar de vigiar e orar, sofrerá os agravos de um grupo maior de demônios a atormentar a sua vida.

Pv 7:10 fala sobre os “*enfeites da prostituta*”, que são sensuais, provocantes, bem diferentes dos usados pela mulher honrada. O adorno, se não for usado com **modéstia** e **moderação**, pode despertar o **sensualismo** e provocar desejos impuros aos olhos dos homens, conduzindo à prática do **adultério**. Despojar-se dos atavios é sinal de humilhação, Ex 33:4-6; Is 3:18.

ADÚLTERA/ADULTÉRIO. Mulher que, sendo casada, mantém relações com outro homem que não seja o seu marido, sendo o seu ato chamado de adultério. A lei judaica restringia o termo “adultério” às relações sexuais não só com a esposa, mas também com a noiva de um judeu. A união sexual irregular não envolve somente o que o indivíduo faz, mas afeta a substância daquilo que ele é. A mulher que adúltera fica marcada e somente Jesus a pode livrar da condenação. Não apenas o adultério é condenado no N.T., mas todos os pecados sexuais o são, 1Co 6:9; Gl 5:19-21. A imoralidade sexual é pecado contra Deus, Gn 39:9, não é a vereda que Deus quer para o ser humano, 1Ts 4:3-8 e transforma-se num caminho de morte, Pv 14:12.

1. Em sentido estrito, representa a mulher que pratica adultério, ou seja, mantém relação sexual com outro homem que não seja o seu cônjuge. De acordo com a legislação antiga, principalmente o **Código de Hamurabi**, a poligamia e o concubinato não eram considerados adultério para o homem, mas a mulher, deveria pertencer a um único homem. Sob a lei mosaica, toda adúltera deveria morrer certamente, Lv 20:10. A lei versa: “*não adúlterarás*” – Ex 20:14; Mc 10:19; Lc 18:20; Rm 13:9. Enquanto que a poligamia era um fato comum no V.T., a **poliandria**, onde se aceita que uma mulher tenha vários maridos, nunca foi reconhecida na lei e nos costumes dos judeus. A base original da **monogamia**, onde existem no relacionamento apenas um homem e uma mulher, unidos pelo casamento, como foi no princípio da criação, foi citada por Jesus em Mt 19:4-8.

2. Em sentido geral, significa toda impureza sexual por pensamentos, palavras ou atos, tendentes a esse comportamento. É este o sentido do sétimo mandamento, “*não adúlterarás*”, bem como do décimo mandamento, “*Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher (o marido) do teu próximo... nem coisa alguma que lhe pertença*”, interpretado por Jesus no Sermão da Montanha, Ex 20:14, 17; Dt 5:18, 21; Mt 5:27, 28. Jesus transferiu a questão do adultério ao campo dos pensamentos e emoções, enfatizando que ele pode ser mental. O homem casado que olha para uma mulher com cobiça, “*já em seu coração cometeu adultério com*

ela". Não representa um olhar casual, mas persistente, lascivo, incluindo desejos impuros. Desta forma, a moralidade envolve não apenas os atos em si, mas também as intenções, os pensamentos e as palavras do indivíduo. Pedro vai mais longe, orientando a igreja do Senhor a deixar toda a "**malícia**", 1Pe 2:1. Notemos bem que o Senhor, ao manifestar o Seu mandamento a respeito do adultério, em que o homem peca pelo simples fato de olhar para uma mulher com sentido impuro, usou o termo "*adultera COM ela*". Isto quer dizer que a mulher deve ter tal procedimento e vigiar em sua forma de apresentar-se no convívio social, de maneira que o homem, ao vê-la, não a cobice, nem peque "com ela".

Jeremias afirma que cometer adultério é o mesmo que "*cometer loucura*", 29:23. Dificilmente uma mulher que se porte da maneira indicada em 1Pe 3:3, 4, adornando-se de mansidão, quietude e submissão ao marido, despertará desejos impuros no coração de outros homens, conduzindo-os ao pecado por pensamento, ver **adorno**. Paulo, em Gl 5:19 apresenta o adultério como "*obra da carne*". O apóstolo ainda considera como adultério as relações sexuais ilícitas de qualquer sorte, 1Ts 4:3. Em Mt 15:19, 20 e Mc 7:21, Jesus afirma que o adultério sai de dentro do coração, do interior, e "*contamina o homem*".

Gn 38:24 apresenta a história da nora de Judá, dada como adúltera, ver **Tamar**.

3. Figuradamente, significa o culto prestado a deuses estranhos, ou outras violações do pacto com Jeová. A **idolatria** e a infidelidade a Deus, sob qualquer forma são, para Ele, adultério espiritual. Paulo enfatiza que o ser humano pode cometer adultério contra Cristo, pois o seu corpo torna-se o templo do Espírito Santo, 1Co 6:9-20. Deus exige dos Seus servos um amor incondicional, tanto quanto o marido o exige de sua esposa pelos seus juramentos de fidelidade, Jr 3:8, 9; Ez 23:37, 43, 45; Os 2:2, 13; Mt 12:39; 16:4; Mc 8:38; Ap 2:22. Tiago relaciona a "*amizade do mundo*" com o adultério cultural, Tg 4:4, ver Mt 12:39; 16:4.

4. A proibição do adultério – Deus proibiu o adultério para preservar a santidade do **Iar**, Ex 20:14;

Dt 5:18, bem como proteger a herança da **família** e a preservação da pureza tribal. O adultério, em si, era considerado um ato de contaminação, um crime sério, Lv 18:20. Aos adúlteros era imposta a pena de morte, envolvendo a execução de ambos os culpados, Ex 20:14; Lv 20:1ss. Ao praticar o adultério, o indivíduo é furtado de sua identidade, perturbando a união espiritual e física entre dois seres, com características do homicídio, embora com menores conseqüências morais. O N.T. trata o adultério com maior severidade, ver item b.

5. Relação com o conhecimento de Deus - Os 4:6-14 diz que "*o povo erra por falta de conhecimento*", v.6 e discorre sobre os resultados dessa ignorância e malícia do povo. A falta de conhecimento e obediência da Palavra leva as "*filhas a se prostituírem*" e as **noras** "*a adulterarem*", v.13, 14. E completa que "*o povo sem conhecimento será transtornado*". Daí, a importância do culto doméstico, do ensino metódico da Palavra, da freqüência à uma Igreja que tenha zelo pelo ensino e obediência às Escrituras e, principalmente, da oração persistente pela **família**, Pv 22:6, Lc 18:1.

6. O perfil da adúltera: Salomão faz uma descrição da mulher adúltera: é má; lisonjeira; formosa, porém de olhos cobiçosos; anda à caça de preciosa vida; destrói a alma do homem; incita o marido à vingança; não tem noção do seu pecado; Pv 5:3-14; 6:20-35; 30:20. Em Pv 2:16-20 o autor diz que a casa da mulher adúltera "*se inclina para a morte e as suas veredas para os espíritos dos mortos*" e que "*todos os que se dirigem a elas não voltarão, e não atinarão com as veredas da vida*". O lugar da adúltera é no inferno, Pv 5:5.

7. Novo casamento e adultério - O apóstolo Paulo, na carta aos Romanos, discorre que a lei tem "*domínio sobre o homem (a mulher) por todo o tempo que vive*". E que "*a mulher está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei*". Contudo, se ficar **viúva**, "*está livre da lei do marido*", podendo contrair novas núpcias, 1Co 7:39. E completa que, vivendo o marido, "*será chamada adúltera, se for de outro marido; mas, morto o marido, está livre da lei; e assim não será adúltera, se for de outro marido*", Rm 7:1-3". O mesmo é dito pelo Senhor Jesus, em Mc 10:1-12,

onde afirma que se *“a mulher deixar a seu marido, e casar com outro, adúltera”*.

8. Oportunidade para a adúltera - Oséias, figurando o povo de Israel, foi orientado a casar-se com uma adúltera, Os 1:2; 3:1, ver **Gômer**. Jesus teve misericórdia e ofereceu salvação para uma mulher adúltera, apanhada em flagrante ato de imoralidade sexual, para a qual a lei exigia a morte por apedrejamento, Jo 8. Ele também ofereceu de Si mesmo, como a água viva, para a **mulher samaritana**, que vivia em imoralidade, Jo 4. Jesus recebeu, Ele mesmo, a sentença de morte pelos pecados da adúltera e também de todos os pecadores. Sua graça maravilhosa é uma fonte de esperança para cada alma pecadora, a única chance de livramento para a mulher que deseja deixar o seu pecado e salvar a sua alma.

9. O fim das adúlteras - uma ilustração - Juízes 19 relata a história de uma concubina de um levita, a qual adulterou contra ele e o deixou, voltando para a casa de seu pai, em Belém de Judá. O levita foi atrás dela para trazê-la de volta e, no retorno, pararam em Gibeá, a fim de pernoitarem. Não encontrando quem os hospedasse, permaneceram numa praça, onde foram encontrados por um velho, também estrangeiro, que morava na cidade e os recolheu em sua casa. Estando eles em tranqüila cena doméstica, passaram a vivenciar um pesadelo de violência, depravação e injustiça semelhante à de Ló em Sodoma, Gn 19:1-29. Homens malignos da cidade vieram à casa do estrangeiro e quiseram abusar do levita, instando que o tirassem para fora. O hospedeiro impediu o ato, oferecendo sua filha **virgem** e a **concubina do levita** para que abusassem delas. Havendo recusa, o velho pegou da concubina e entregou-a a eles fora de casa. O levita, supostamente um líder espiritual, sacrificou sua concubina a uma noite de brutalidade, a fim de salvar a sua própria vida, o que vem a demonstrar o estado espiritual em que se encontravam os homens nos tempos dos juizes.

Os homens de Gibeá abusaram daquela infeliz a noite inteira, até o romper da alva. Ela foi traída por seu amante e por seu anfitrião. Foi estuprada, torturada e abandonada friamente ao relento. A pobre **mulher** vivia em um mundo injusto, onde a violência

permeava até mesmo os relacionamentos mais íntimos e onde a depravação moral havia se estendido até os líderes espirituais. A violência a levou à morte, o que conduziu o seu marido a um ato de desespero. O levita chegou em casa, tomou de um cutelo e, pegando a concubina, a despedaçou por seus ossos em doze partes, enviando cada pedaço a uma tribo de Israel. O desmembramento do corpo da concubina foi um ato revoltante. Seu significado recebe várias interpretações. Alguns estudiosos interpretam-no como um sacrifício ritual, que servia de chamado à vingança e, se isso não acontecesse, que os ofendidos fossem, eles próprios, mortos pela espada. Outros estudiosos vêem o gesto como uma forma de incitar horror e indignação. Esse ato provocou uma grande batalha contra os benjamitas residentes em Gibeá e cidades circunvizinhas, Jz 20. A comunidade israelita como um todo reagiu com repulsa a esse crime hediondo tomando medidas severas, a fim de fazer com que os culpados pagassem pelo que haviam feito. Assim, a tribo de Judá, que liderou os israelitas contra os cananeus no começo de Juízes, acabou liderando os israelitas contra seus próprios compatriotas, os benjamitas, que escolheram defender a atitude dos homens de Gibeá. Judá representava a liderança justa contra um caso evidente de imoralidade e de desobediência. As atitudes dessa belemita custaram caro não só para ela, como para sua família e todo o povo de Israel, mostrando as severas conseqüências da traição conjugal.

10. Ver **“a mulher adúltera”**.

11. Ver **“água santa”**.

12. Ver **prostituição**.

ÁFIA. Uma crente de Colosso, saudada pelo apóstolo Paulo como **“irmã”** em algumas versões e **“amada”** em outras, Fm 2. O nome era comum na Ásia ocidental, e provavelmente era nativo da Frigia. Como ela é a única mulher destacada e incluída na introdução da epístola a Filemom, muitos entendem que talvez fosse a **esposa** desse discípulo e, obviamente, a anfitriã da igreja de Colossos que se reunia em sua casa. Se Áfia era esposa de Filemom, sua influência seria valiosa na

obtenção de um tratamento gentil para Onésimo e na soltura do mesmo. O cristianismo elevou grandemente a posição da **mulher** e diversas delas se tornaram ajudantes valiosas no trabalho de evangelização. O Senhor, inspirador das Escrituras Sagradas, levou os Seus servos a destacarem o trabalho de todos os que se dispunham a servir no Seu reino. A tradição conta que ela morreu apedrejada, durante a perseguição levantada por Nero contra os cristãos, juntamente com Filemom, Onésimo, o escravo resgatado e Arquipo, talvez seu filho e, segundo historiadores, pastor em Colosso, Cl 2:17.

AGAR (ou **Hagar**). Hb “emigração” ou “fuga” – nativa do Egito, supõe-se que fora dada a Abraão por Faraó, quando de sua visita ao Egito, Gn 12:6, 10-20. Depois de Abraão habitar doze anos em Canaã sem lhe nascer o filho prometido, **Sara**, que contava com 76 nos de idade, descreu de participar da promessa. Sara lançou mão de meios humanos e planos alternativos, a fim de dar a Abraão um filho, e deste modo alcançar o nome de mãe. Assim, por sugestão de Sara, ele teve relações com Agar, escrava de sua mulher, a qual gerou um filho seu.

Agar tornou-se “mãe por procuração”, prática oriental comum onde houvesse esposas estéreis. Por esse motivo, ela encheu-se de orgulho e senso de superioridade, o que causou o ciúme e reação dura por parte de Sara. Para cada ação, uma reação. O procedimento de Agar provocou a ira e ciúme de Sara, que a hostilizou e despertou nela o desejo de fugir. A fuga forçada de Agar levou-a em direção à sua própria terra (ela nunca “deixou” o Egito). Sua rota conduziu-a a Sur, através da região arenosa e desabitada a oeste da Arábia Pétreia, com 240 km de extensão entre a Palestina e o Egito. Era uma rota comumente seguida, pelo que ela não se perdeu. Em uma fonte entre Cades e Barade, um anjo do Senhor, por amor a Abraão, encontrou-a, recomendando que retornasse à sua senhora e se mostrasse submissa, acrescentando a promessa que Ismael, seu filho, teria inúmeros descendentes. O lugar em que ela recebeu a visão passou a ser chamado Beer-lahai-roi, “*fonte do Deus visível*”. O

maravilhoso desse encontro foi o alcance do conhecimento que Agar teve do Senhor: “*Tu és o Deus que me vê*”, Gn 16:13. Ela voltou e contemplou o nascimento de Isaque, quatorze anos depois.

Vamos encontrá-la novamente em Gn 21:9-21, quando, na festa do desmame de Isaque, Ismael foi tomado pela zombaria, o que levou Sara a exigir a retirada definitiva de Agar e seu filho. A expulsão foi permitida por Deus, devido ao fato de que Agar e Ismael não podiam fazer parte do pacto abraâmico, porque a sua existência não procedia da fé. Nas sociedades polígamas orientais, a primeira e principal esposa exercia primazia sobre as demais, razões pela qual Abraão atendeu as queixas de Sara.

Abraão enviou Agar e o filho apenas com pão e um odre de água, indo parar no deserto de Berseba. Acabados os víveres, ela desistiu da jornada, lançando o menino debaixo de uma árvore e indo assentar-se em frente, para não vê-lo morrer, onde chorou em alta voz. O menino, ensinado por Abraão a buscar o Senhor, clamou e, novamente, Deus enviou um anjo em direção a Agar e lhe falou, renovando a promessa de que o menino seria o fundador de uma grande nação, v.17. A ordem para ela foi: “*Ergue-te, levanta o menino pela mão*”, v.18, mostrando que uma mãe jamais deve desistir de seu filho. O desespero não lhe permitiu ver que havia, logo à frente, um poço para sua provisão, v.19. Muitas vezes, o desespero, a desesperança e a visão apenas no que se tem à vista, impedem de ver uma grande bênção logo mais à frente. Sua influência, depois, na formação do caráter de Ismael, o fez desviar-se dos ensinamentos de Abraão, quando ele casou-se com uma egípcia e uniu uma de suas filhas ao profano Esaú, Gn 28:9, transformando-se em um inimigo permanente de Israel.

O filho de Agar tornou-se um dos progenitores das tribos árabes, especialmente aquelas mais ao sul da Arábia, as quais, curiosamente, têm uma descendência hebraico-egípcia.

Metáfora: Gl 4:21-31 – Paulo aplica alegoricamente o relato sobre Agar, para indicar que a escrava e seu filho representavam o antigo pacto com Israel, ao passo que Sara e Isaque retratam o caminho da

ÁGUA SANTA

graça e da liberdade que caracteriza o novo pacto firmado com todos os crentes de qualquer raça que se achegam a Deus por meio de Cristo. Era difícil para os judeus, mediante esse relato, aceitar que fossem considerados descendentes de Ismael. Fisicamente não o são, mas espiritualmente sim, enquanto se mantiverem na incredulidade. Assim, a escrava “gera para a servidão”, e a livre, “gera para a liberdade”, considerando que uma mulher é capaz de reproduzir sua própria espécie.

ÁGUA SANTA. Nm 5:11-31 – Na verdade era uma água amarga, descrita como “santa” porque era dedicada a Deus. Na antiga sociedade patriarcal, como no caso da cultura hebréia, o homem tinha todos os direitos sobre a mulher, inclusive quando, movido por **ciúmes**, podia arrastar sua **esposa** perante um sacerdote, exigindo que ela fosse submetida à prova do adultério. Os homens suspeitos de ter cometido adultério não eram submetidos a essa prova, o que demonstra a maneira como a **mulher** era tratada, com pesos e medidas diferentes dos aplicados aos homens. O teste consistia numa água colocada em um vaso de barro, misturada com um pouco de pó do pavimento do tabernáculo, a qual era dada à mulher para beber uma ou mais vezes. A água santa era usada pelo sacerdote a fim de revelar a inocência ou a culpa de uma mulher acusada de adultério por seu marido ciumento, no caso de não haver testemunhas.

O Senhor jamais aceitaria uma condenação sem provas e esse cerimonial visava, também, defender a mulher julgada pelo cônjuge que se sentia lesado. Provavelmente esse líquido fosse tirado da bacia de bronze, que continha água para os rituais de lavagem no tabernáculo, que também era considerado santo, porque tinha estado na presença de Deus. A ênfase não estava no gosto da água, mas no seu potencial de levar uma maldição amarga.

O sacerdote descobria-lhe a cabeça, cujos cabelos deveriam estar soltos, em sinal de abertura da parte dela diante do Senhor e das pessoas, bem como um sinal de lamentação, significando que, se fosse culpada, estaria se lamentando, Lv 10:6; 13:45;

21:10. O **cabelo** solto também poderia ser sinal de imundície ou de vergonha, uma vez que a água tornaria sua vida em amargura aos olhos de todos. Depois, punha-lhe nas mãos o sacrifício de recordação e a oferta dos zelos, uma água amarguíssima, chamada de “*água da maldição*”. O sacerdote conjurava à ré que, se ela fosse inocente, mantendo a fidelidade ao marido, as águas não lhe fariam nenhum mal; se, porém, fosse culpada, tendo traído o marido, teria sua “*coxa descaída*” e o “*ventre inchado*”, o qual se arrebentaria. A mulher deveria responder: “*amém, amém*”.

O sacerdote escrevia as maldições em um livro e em seguida as apagava com as ditas águas. Depois, tomava da mulher o **sacrifício dos zelos**, e o levantava diante do Senhor, pondo-o sobre o altar, dando as águas amarguíssimas para a mulher beber. Chamado também de **oferta de manjares por ciúmes**, representava uma oferta que o marido levava pela mulher, consistindo de uma décima de efa de farinha de cevada, sobre a qual não deitaria azeite, nem sobre ela poria incenso, servindo apenas como “oferta memorativa”, isto é que “*traz a iniquidade à memória*”, v.15.

Várias interpretações têm sido dadas para o uso da cevada ao invés da oferta de manjares comum, feita da melhor farinha. A cevada era alimento para animais, e a esposa não era associada a eles. O sacrifício era apenas pela suspeita de uma violação, pois sua culpa não podia ser provada. O alimento feito com cevada era usado mais freqüentemente pelos pobres, sem óleo nem incenso misturados. O incenso era mais associado a Deus e à oração. O objetivo do procedimento era para confirmar ou desmentir os ciúmes do marido.

Se a ré fosse **adúltera**, as águas da maldição a penetravam e faziam inchar o seu ventre e apodrecer as suas coxas. Assim, tornava-se uma “*água amaldiçoante*”, em caso de culpa, conduzindo a mulher ao aborto e à esterilidade, ou uma “*água abençoadora*”, em caso de inocência, fazendo-a conceber um filho. A parte essencial desse processo era o juramento, sendo que todo o ritual era simbólico. O resultado pertencia a Deus revelar, visto que era um ato de fé. De qualquer forma, a

mulher sofreria, quer culpada ou não, por causa do estigma que acompanha qualquer julgamento humano. As águas amargas somente eram dadas em caso de dúvida ou suposta culpa. Se não houvesse dúvida, face à declaração de testemunhas, a mulher era simplesmente executada mediante apedrejamento. A moralidade sexual para a mulher era estrita e dura. Só podia ter um marido, e nenhum outro homem estava disponível a ela. Quebrar a lei da fidelidade significava morte certa para a mulher na lei de Israel.

AINOÃ. Hb “meu irmão é gracioso”. Também chamada de **Aquinoã**.

1. Filha de Aimaás e esposa de Saul, o primeiro rei de Israel, 1Sm 14:50, portanto, a primeira **rainha**. A maioria dos reis daquela época praticava a poligamia. Não há, contudo, tal informação acerca de Saul. Como é a única que consta na Bíblia como esposa de Saul, sendo as outras concubinas, era a mãe de Jônatas, Isvi, Malquisua, **Merabe** e **Mical**, 1Sm 14:49. Ainoã deve ter sofrido muito, pois Saul, apesar de belo, 1Sm 9:2, e de ter sido contado entre os profetas, 1Sm 10:12, era homem irreverente, 1Sm 13:8-15. A desobediência de Saul levou-o a ser rejeitado por Deus, cap. 15. Os demais filhos de Saul procediam de **concubinas**. Deve ter passado por grande angústia, quando Saul ameaçou matar Jônatas, seu filho primogênito, 1Sm 14:44. Não bastasse a fúria que caracterizava a vida de seu marido, constantemente ele era atormentado por espíritos demoníacos, 1Sm 16:14, 23. Depois, vê seu marido num tormento maior: um ódio insano contra Davi, que o induzia a constantes perseguições e tentativas de assassinato ao jovem que era o melhor amigo de seu filho Jônatas e marido de sua filha Mical, 1Sm 18-27. Por fim, contempla Saul descendo ao mais baixo nível espiritual, quando foi consultar uma **médium espírita**, cap. 28. Na mesma oportunidade em que perdeu o marido, perdeu também os três filhos, na guerra contra os filisteus, 1Sm 31:6. Sua filha Mical, casada com Davi, não lhe deu descendentes. A Bíblia não relata o fim dessa pobre rainha, mas o seu sofrimento é facilmente deduzido pelas angústias e desilusões que experimentou ao lado do profano rei

Saul. A contar pelos resultados, não deve ter tido uma influência relevante sobre a vida do marido e dos filhos.

2. Mulher de Davi, 1Sm 25:43. Moradora de Jizreel, casada com Davi após Saul ter dado **Mical** a outro homem, v.44. Esteve com Davi na sua jornada pela Filístia, onde, juntamente com **Abigail**, foi tomada cativa, sendo liberta depois, 1Sm 30:1-19. Ainoã deu à luz ao primogênito de Davi, Amnon, moço voluntarioso e sem caráter, o qual veio a violentar sua irmã **Tamar**, 2Sm 13:1-20. O ato violento do rapaz provocou a sua morte drástica, quando Absalão, irmão de Tamar por parte de mãe, a vingou do **estupro** que sofreu, 2Sm 13:28-29. Tudo indica que essa mãe teria deixado de se empenhar na formação do caráter do seu filho Amnon, enquanto o rei se ocupava com seus afazeres à frente da nação. Se ela foi negligente no ensino da lei do Senhor a Amnon, ela sofreu as tristes conseqüências, quando se viu desfilhada de forma tão brutal.

ALABASTRO. Hb “sem asa”; ou derivado de um lugar chamado *Alabastrum*. O alabastro é uma variedade de fino gipso de cor branca, adornado de delicadas sombras. É menos duro que o mármore e, por isso, mais fácil de ser trabalhado na fabricação de colunas, taças, caixinhas ou vasos. Qualquer pedra que servisse para o fabrico de tais utensílios era chamada de alabastro. A maior parte dos frascos antigos usados para guardar perfumes, era fabricada de uma pedra calcárea de cor cinza e transparente. Material de que foi fabricado o vaso, cheio de bálsamo, usado por **Maria de Betânia** para ungir o corpo de Jesus, Mt 26:7; Mc 14:3; Lc 7:37ss; Jo 11:2; 12.

ALAI. Hb “Oh! Que” ou “Oxalá” – **filha** de Sesã, casada com Jará, um servo egípcio de seu pai. **Mãe** de Atai, 1Cr 2:31-35. Existe um homem com esse nome, Js 19:26.

ALIANÇA. Na cultura humana, nome comumente dado a um anel de compromisso, que a pessoa usa para simbolizar um noivado ou o casamento. A aliança demonstra que há um pacto solenemente

ALIANÇA

combinado entre pessoas, entre nações, entre Deus e os homens. Para que tenha validade, ela tem uma representação. No casamento hoje, ela é firmada com um anel. Ou as alianças são firmadas em documentos escritos, algo que valide a sua existência. Toda aliança envolve um pacto, um juramento, um compromisso.

1. O Velho Testamento registra diversas alianças entre patriarcas e reis com outras nações, visando benefícios militares ou na expansão de reinos, Gn 14:12; 21:22-34; 26:26-33; 31:44-54; Ex 18; Jz 1:16 e 4:11; Js 9:1ss; 1Sm 27:5-12; 2Sm 3:12-21; 2Sm 5:11; 8:9-12. Deus também efetuou alianças com o Seu povo. As alianças que Deus estabelece com os homens são livres promessas da Sua parte, baseadas em várias condições que os homens têm que cumprir. A primeira aliança foi a Adâmica, no Jardim do Éden e depois da sua queda, Gn 1:28; 3:14. Fez outra com Noé e seus filhos, depois do dilúvio, Gn 9; com Abraão, Gn 15:18; 17:1, 14; Lc 1:72; At 3:25; com Jacó, Gn 28:13, 14; 1Cr 16:16; com Israel, sendo a aliança Mosaica, Ex 6:4; Jz 2:1; com Davi, 2Sm 7:8-16.

2. No Novo Testamento - Por meio de Jesus Cristo, o Senhor instituiu a nova aliança com os homens, selada com o sangue precioso de Seu Filho, 1Co 11:25; Hb 10:29. No V.T., o Senhor havia feito uma aliança da lei, por meio dos mandamentos e, no N.T., a aliança da graça, por meio de Jesus.

3. Ritos - Toda aliança pressupõe um acordo que deve ser cumprido, ou seja, um pacto de fidelidade. Observavam-se vários ritos religiosos quando se realizava uma aliança. Ofereciam uma vítima para sacrifício a qual era morta e dividida em duas partes, entre as quais as pessoas interessadas pediam, na ocasião, a maldição de semelhante despedaçamento sobre aquele que quebrasse as condições da aliança, Gn 15:9-10. As alianças eram celebradas com festas, Ex 24:11; 2Sm 3:12-20, daí as festas de casamento, oferecidas para demonstrar a alegria de uma aliança. Como símbolo de fidelidade, os sacrifícios eram temperados com sal, daí surgindo a expressão “aliança de sal”, Nm 18:19; 2Cr 13:5. Também costumavam levantar colunas em memória da aliança, Gn 31:52, hoje

simbolizadas pelas fotos e filmes de casamentos, no caso das alianças nupciais.

4. Os judeus e as alianças – os judeus davam grande importância a serem fiéis em seus compromissos, por conhecerem o caráter moral de Deus, Js 9:18. A ira de Deus caía sobre aqueles que violavam seus pactos, 2Sm 21:1; Ez 17:16. Alguns casamentos eram feitos mediante uma aliança política, visando o fortalecimento de reinos ou a fomentação de boas relações com vizinhos potencialmente perigosos, 2Sm 3:2-5; 5:13-16; 1Rs 3:1; 9:16; 11:1; 16:23-31. Infelizmente, algumas foram particularmente desastrosas, no caso de Salomão com **a filha do Faraó** e de Acabe com **Jezebel**.

5. Princípio espiritual da aliança no casamento - uma aliança envolve um princípio espiritual. O Apóstolo Paulo, em 2Co 6:14, adverte acerca do estabelecimento de “*jugos desiguais*”, demonstrando o quanto uma associação humana pode comprometer a vida espiritual. Sendo assim, o casamento com pessoas de diferentes valores morais ou espirituais, certamente incorrerá em problemas na vida conjugal. Em Am 3:3, o Senhor faz uma contundente pergunta: “*Andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?*” As Escrituras estabelecem princípios espirituais como guias para todas as associações íntimas que podem trazer um prejuízo ou um benefício para quem se propõe a fazer a vontade de Deus.

Para entender o casamento no plano de Deus, é preciso entender a aliança como Deus a vê, não apenas como um anel de valor, mas como um compromisso do coração. O acordo de aliança leva o casal a comprometer-se por toda a vida, num pacto inquebrável, irrevogável, indissolúvel, que deve ser mantido até à morte. O casamento não é apenas um acordo entre o homem e a mulher e nem é dependente do desempenho de cada um para fazer valer o acordo. Ele é um pacto entre um homem e uma mulher com o aval de Deus, um juramento de permanência no amor, respeito e unidade, até que a morte os separe.

Para Deus o casamento é uma aliança de amor inquebrantável, que deve retratar a união de Cristo

com a Igreja, Ef 5:22-23. Cristo, sendo sempre uma parte fiel na Aliança, nunca desiste de Seu povo, que muitas vezes é infiel para com Ele, 2Tm 2:13; Hb 13:5. É uma questão de honra para Deus manter Sua aliança irrevogável para com o salvo, e Ele espera que os casados sejam Seus imitadores.

6. Término da aliança matrimonial - Em Rm 7:1-3, Paulo enfatiza que a aliança do casamento somente deve ser quebrada mediante a morte de um dos cônjuges. Isto é, a morte de um cônjuge libera o outro para casar-se novamente, 1Co 7:39. Se o cônjuge incrédulo partir e abandonar o cônjuge crente, ele fica livre das obrigações do casamento, 1Co 7:13-16. Havendo adultério, alguns acreditam que pode ser permitido o **divórcio**, Mt 5:31-32; 19:9, embora a Bíblia demonstre um exemplo de reconciliação após o adultério, Jr 3:1; Oséias e **Gômer**, ver.

ALJAVA. Carcás ou receptáculo geralmente feito de couro, pendurado ao ombro, que servia para o caçador ou o soldado conduzir as setas, Is 49:2; Lm 3:13. Esse tipo de sacola mantinha as flechas guardadas e próximas das mãos, para uso sempre que necessário. Essa palavra aparece pela primeira vez na Bíblia em Gn 27:3. Os arqueiros assírios carregavam a aljava às costas, em linha diagonal com a boca voltada para o lado direito. Os arqueiros que combatiam dentro das carroças de guerra, levavam as aljavas penduradas ao lado do veículo. Os egípcios também carregavam as aljavas às costas, em posição horizontal e com a boca para o lado esquerdo.

Em Is 49:2 o termo é usado figuradamente, para afirmar que o profeta, uma flecha de Deus, está oculto em Sua aljava: *“(O Senhor) fez a minha boca como uma espada aguda, na sombra da sua mão me escondeu; fez-me como uma flecha polida, e me guardou na sua aljava”*. Embora o texto represente um alvo que Deus alcançaria na pessoa do Seu Filho, como flecha perfeitamente preparada, oferecendo restauração aos descendentes de Jacó e sendo fonte de salvação para todas as nações, também se aplica ao servo de Deus. Os filhos devem ser como uma flecha polida. Todo arqueiro sabe que a flecha precisa ser

tratada minuciosamente antes de ser usada para atingir determinado objetivo. A **flecha** precisa estar livre de qualquer corpo estranho que venha a comprometer a sua leveza e aerodinâmica.

No Salmo 127, Salomão, descrevendo a segurança e prosperidade como bênçãos das mãos de Deus, cita os filhos, como parte definitiva dessas bênçãos. A **mulher**, portanto, é abençoadora do seu **lar**, gerando filhos. Apresenta os filhos como *“herança do Senhor”* e o *“seu galardão”*. *“Como flecha na mão do valente, assim são os filhos da mocidade”*, v. 4. Jesus é o grande valente que deseja ter os filhos gerados pelos crentes em Suas mãos. A flecha é nada, a não ser que esteja à disposição do guerreiro. Em Suas mãos ela será útil e eficiente. É com ela que o inimigo será atacado. Por meio das flechas em Suas mãos, o Senhor haverá de esmagar a cabeça de Satanás, Rm 16:20. Manter os filhos como *“flecha polida”* representa prepará-los, por meio da Palavra, do ensino, da correção, do aconselhamento, dos exemplos, das circunstâncias e do amor, para que o caráter de Cristo seja formado em suas vidas. O preparo da flecha implica trabalho, modelagem, transformação. O Salmo 127 conclui: *“feliz aquele que enche a sua aljava de filhos”*.

A aljava, condutora de setas, é comparada com os filhos e **filhas**, que se tornam uma bênção para toda a **família**, se acobertados pelos pais em intercessões, ensinamentos, aprendendo a confiar no Senhor em todas as batalhas da vida. O resultado é: *“não serão confundidos, quando falarem com os seus inimigos à porta”*, isto é, a família torna-se uma defensora da unidade, da moralidade, dos bons costumes, de tudo o que a faça feliz. Tomemos o exemplo de Jesus, que ficou na *“aljava”* do Pai até os 30 anos de idade. Não fez discípulos, não curou enfermos, não ressuscitou mortos, não evangelizou. No dia em que Se apresentou para ser batizado por João, Jesus começou o Seu ministério público. A flecha foi lançada, operando salvação, curas, libertações e muitos benefícios em favor da humanidade. Assim também foi com o profeta João Batista. Assim será com os filhos que são polidos, cuidados, afiados e guardados na aljava, até que sejam lançados a um mundo que *“jaz no maligno”*, prontos para serem usados

pelo Senhor e se tomarem instrumentos de salvação na terra.

AMA. Tradução da palavra hebraica “*meneketh*”, determina a mulher encarregada de amamentar uma criança da qual não é mãe. A ama que substituiu a **mãe** de uma criança, nesse mister da **amamentação**, adquiria certo prestígio na **família**, mesmo quando a criança fosse desmamada. Em Êx 2:7-9 dá-se uma exceção: Moisés tem por amade-leite a própria mãe, **Joquebede**, contratada pela **filha do Faraó**. Traduzida ainda do hb “*omen*”, a palavra representa a pessoa de qualquer sexo encarregada de exercer as funções de ama-seca, cuidando de crianças pequenas, cf. citado por Moisés em Nm 11:12 e como foi o caso de **Noemi**, em Rt 4:16.

1. Metaforicamente, vemos uma citação em Is 49:23, aludindo às bênçãos divinas especiais sobre Israel, de acordo com o discernimento do profeta. Em At 13:18, Paulo diz que Deus agiu como uma ama para Israel, enquanto o Seu povo vagueava pelo deserto, provendo-lhes alimentação e demais cuidados. Ainda o apóstolo, em 1Ts 2:7, se compara a uma ama, em relação aos seus filhos na fé, em virtude do tratamento gentil e amoroso que lhes dispensava.

2. A ama de Mefibosete - Mefibosete foi cuidado por sua ama mesmo depois de crescido, 2Sm 4:4. Este era um filho de Jônatas e neto de Saul. Quando as notícias vieram de Jizreel, dizendo que seu pai, tios e avô haviam sido mortos no monte Gilboa, 2Sm 1:4, a ama - cujo nome a Bíblia não cita - atemorizada, o tomou e fugiu. Nessa época, Mefibosete contava com apenas cinco anos de idade. À azáfama da fuga, a ama deixou cair o menino, que ficou coxo para o resto de sua vida, 2Sm 4:4, sendo sustentado depois por Davi.

3. Ama de **Rebeca**, ver **Débora**.

AMADA. Aquela que é objeto de especial atenção; querida, estimada, dileta. Termo usado sobejamente, inclusive com sinônimos, no livro de **Cantares de Salomão**. A **esposa** é a “amada” do seu marido, Ef 5:25-28. Paulo chama **Pérside** de “amada” pelo fato de ela ser cristã de bom

testemunho e ter trabalhado muito para o Senhor, mantendo um bom relacionamento entre os demais irmãos da Igreja, Rm 16:12. Também **Áfia**, provavelmente a **mulher** de Filemon, que era anfitriã da igreja cristã em Colosso, foi chamada de “amada” pelo apóstolo, Fm 1:2. O Senhor chama à nação de Israel e à Igreja de Jesus Cristo, como Sua “amada”, Jr 11:15; 12:7; Rm 9:25; Ap 20:9.

A mulher amada é aquela por quem o homem nutre um sentimento de amor. Muitos relacionamentos acabam prejudicados, porque a mulher não tem segurança de ser amada pelo seu companheiro. Fato que pode levar a procurar “fazer” e “ter” para ser amada. Todavia, a pessoa não se torna amada pelo que tem ou faz, mas pelo que é, embora o fato de a pessoa “ser”, implique em ela “ter” e “fazer”.

Não há nada mais belo do que uma mulher amada, pois isso a dignifica e impulsiona a realizar a sua mais sublime missão terrena: dirigir com sabedoria o seu **lar**. A mulher que é amada talvez nem tenha noção da sua beleza e das qualidades que a tornam especial para quem a ama. Essa **beleza**, nem sempre dependerá de um físico extraordinário, mas é principalmente uma beleza interior, beleza de procedimentos, de caráter, de ações voltadas para quem a ama.

A mulher amada sempre terá alguém ao seu lado, porque a ama. Se quem a ama estiver ausente, ela sabe que não estará sozinha, porque tem a certeza de que a pessoa lembra dela, pensa nela e voltará para ela. Ela não é amada apenas porque o companheiro ou familiares ou amigos devem, obrigatoriamente, ter esse sentimento. Ela é amada porque conquistou esse afeto, por meio do companheirismo, da amizade, do amor, da cumplicidade, da sabedoria, da presença que fortalece, que dá segurança. O amor é algo que se conquista dia-a-dia, por atitudes, palavras e dependência do Deus amável, que prometeu suprir todas as nossas necessidades, em glória, por Cristo Jesus, Fp 4:19.

A mulher que conseguir ser amada deve cultivar, valorizar e desenvolver esse sentimento, como fazia a **Sulamita**, descrita em Cantares, para que não venha a se extinguir. A multiplicação da iniquidade,

a constância das rixas e atitudes desfavoráveis, amortecem e aniquilam o amor, Mt 24:12. Isto quer dizer que a mulher amada poderá deixar de sê-lo, se não souber cuidar de quem a ama e corresponder ao amor na mesma ou superior proporção. Assim procedeu a **mulher virtuosa** de Pv 31, que se manteve amada do marido, depois dos filhos, dos amigos, porque conquistou essa qualidade com atitudes. Como vemos no livro de Cantares, o noivo (ou esposo) declara-se à sua amada, deseja-a e a cobre de elogios. Mas vemos que muito mais fala a amada, mais elogia a amada, mais se chega a amada, a esposa, do que o amado. Quando a mulher é amada, além do relacionamento íntimo, há um prolongamento sereno e seguro, que fortifica a relação amorosa, Ct 2:6. Isso deve ser cultivado com carinho, com juras diárias de amor, entrega sem reservas, desejo constante de servir, de amar, de ser fiel. Porque é um grande privilégio ser amada por alguém.

AMITAL. O mesmo que **Hamutal**, ver.

AMOR. Segundo a Bíblia, o amor é o mais sublime e o maior dos sentimentos, aquele que haverá de perdurar por toda a eternidade, 1Co 13:13. Segundo o apóstolo Paulo, o amor é o “caminho ainda mais excelente”, maior do que os dons e essencial como constituinte da base para o exercício apropriado de tais dons espirituais, 1Co 12:31; 13:1. Paulo dedicou um capítulo de suas cartas somente para exaltar a excelência do amor e deixou este sentimento subentendido em todas as suas epístolas. O apóstolo João, chamado o profeta do amor, ainda mais exaltou o amor, tanto de Deus para com os homens, como dos homens para com Deus e para com o próximo, em seu evangelho e nas epístolas. Até o livro do Apocalipse demonstra a grande vitória daqueles que deixaram de amar suas próprias vidas, para dedicar amor a Deus, à Sua Palavra e aos seus irmãos.

Tanto em hebraico, *ahab*, como no grego, *ágape*, as palavras traduzidas como “amor” representam ações em palavras, indicando atos conscientes em relação ao ser amado. O amor somente existe quando existem, no mínimo, duas pessoas: uma

que ama e uma que é amada. O amor bíblico exige mais do que um mero comportamento de relacionamento, devendo incluir atitudes interiores, ou seja, reações positivas do coração do ser humano, 1Jo 3:17.

No grego existem quatro palavras que descrevem formas específicas de amor: *ágape*, *philos*, *eros* e *stergos*. O termo *stergos* não aparece no N.T. e sugere afeição, especialmente entre os membros da **família**, seria o amor fraternal. O termo *eros* também não aparece no N.T. e descreve o amor cheio de apetite e egoísmo, incluindo o desejo sexual e as necessidades físicas. Eros era o nome de um deus da mitologia grega, que representava o desejo sexual, dele procedendo a palavra “**erotismo**”. Embora o **casamento** prescindisse de um relacionamento sexual sadio, permeado de desejos e manifestações de carícias, ele não pode vivenciar apenas o amor tipo *eros*, pois estaria alicerçado em manifestações de egoísmo e apetite sexual desordenado.

O amor tipo *philos* refere-se à estima e afeição refletidas na preocupação que os amigos têm uns para com os outros. Usado no N.T. por Jesus, em Jo 21:15-17 e Tt 2:4. No texto de João, Jesus usa o termo *ágape*, que representa amor incondicional, para se dirigir a Pedro em Seus questionamentos: “*Tu me amas?*”. Pedro, ao responder, usa o termo *philos*, que representa estima ou ter em alta conta, em sua resposta: “*Tu sabes que eu te amo*”. Não sabemos se o cuidado de Pedro na resposta deve-se da experiência amarga sofrida antes, quando prometeu jamais abandonar o Senhor e O negou logo em seguida, mas a verdade é que ele temeu dar uma resposta à altura do questionamento.

O amor de uma mulher pelo seu marido e filhos deve ser marcado também por *philos*, como representação de estima e respeito, não apenas como amor incondicional. Paulo usou esse termo, quando orientou as mulheres mais velhas a ensinarem as mais novas a amarem seus maridos, ou seja, a respeitarem e estimarem seus maridos.

A palavra *ágape*, por sua vez, indica uma escolha para servir a Deus, amar ao próximo, aceitar o outro sem esperar nada de volta, Mt 22:34-40. Essa palavra, embora apareça raramente nos escritos

gregos seculares, expressa principalmente o amor sem egoísmo e o amor cristão. Ela é usada pelos escritores do N.T. para descrever o amor de Deus, Jo 3:16. O amor cristão deve ser na altura do amor divino, sendo baseado na escolha deliberada de quem ama e não no merecimento da pessoa que recebe o amor. Paulo descreve a preocupação com o bem-estar do outro, sem egoísmo, leal, benevolente como o “maior” dom de todos, 1Co 13:13. O amor cristão é fruto do Espírito Santo, uma virtude da vida santa, Gl 5:22.

O amor verdadeiro contém atributos que refletem tanto sentimentos como atos amorosos. Em 1Co 13, Paulo apresenta suas características: a) paciente e longânimo, v. 4a; benigno e delicado com todos, v. 4b; não egoísta e doador, v. 5; verdadeiro e honesto, v. 6; cheio de esperança e encorajador, v. 7a; persistente e sem fim, v. 7b. Ele destaca ainda aquilo que o amor bíblico não é, nos vv. 4-5: invejoso, nem orgulhoso, nem egocêntrico, nem rude, nem provocativo.

Sem amor, os dons do Espírito não são dignos de justiça, e os frutos do Espírito ficam incompletos, v. 8. Enquanto que o amor de Cristo é eterno, Ele derrama, pelo Espírito Santo, amor perfeito nos corações dos crentes, Rm 5:5. Enquanto tudo mais falha, o amor nunca falha. Ele é permanente, incondicional, tem consideração pelos outros resultante da poderosa presença do Espírito Santo, ao invés de ser produto de esforços ou da vontade humana. Ele “*tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*”, v. 7. O verdadeiro amor “*lança fora o medo*” e encoraja a pessoa a buscar o ideal pretendido com relação ao objeto do seu amor, 1Jo 4:18.

A Bíblia é, toda ela, uma história de amor. Ela revela o grande amor de Deus pelos homens, até culminar no sacrifício de Cristo, como ato de supremo e ilimitado amor. Os patriarcas, reis e personagens da Bíblia viveram também histórias de amor para com Deus, para com suas mulheres e famílias. A poligamia e o concubinato no meio de Israel foram uma forma marcante de demonstrar a falta de um amor sincero, total, desprezioso, de um homem por uma única mulher, como era o plano divino desde o princípio. Os grandes erros dos grandes homens de Deus, em sua maior parte, envolveram a quebra do

relacionamento conjugal, da unidade familiar e da fidelidade à **esposa**, dentro do plano da **monogamia**.

Vemos, na Bíblia, um livro dedicado especialmente ao relacionamento conjugal, embora tenha outras aplicações figuradas, **Cantares de Salomão**. Outros dois, retratam o amor como tema central, **Rute e Ester**. Dentro de Cantares, encontramos, nas atitudes da esposa para com seu esposo, os três tipos de amor. O sentimento *eros* está claro, onde ambos manifestam seu desejo um para com o outro. Neste caso, a noiva é chamada de “querida”, “formosa”, “desejável”, “amada (com sentido de amante)”, como também o noivo é aclamado por seus atributos pessoais e corporais. As manifestações de desejo são claras em muitos versículos, com destaques para as formas corporais, as manifestações de carícias e o relacionamento inebriante.

Também está presente o amor *philos*, quando vemos a amada sendo chamada de “minha amiga”, 5:2. Além de satisfazer seu amado sexualmente, a **mulher** era-lhe fiel companheira, amiga nas horas de infortúnio, aquela que estava ao seu lado, que, mesmo dormindo, mantinha o seu coração vigilante.

Porém, o livro de Cantares, no seu conteúdo geral, é um reflexo positivo do amor *ágape*, onde notamos o casal, cada qual procurando fazer o outro feliz, cada qual exaltando as qualidades do outro, cada qual se sacrificando para o bom relacionamento da sua união. A existência de tais manifestações de amor, somada a atitudes de fé, esperança e vigilância, faz o sucesso de todo relacionamento entre seres humanos, mormente entre marido e mulher.

ANA. Hb “graça” ou “favor”. **1**. Uma das esposas de Elcana - 1Sm 1e 2 - Elcana era um homem de Ramataim-Zofim, da montanha de Efraim. Ana não tinha filhos, o que era considerado uma desgraça em Israel. Ela foi um exemplo de devoção, sacrifício e comprometimento com o Senhor. Era amada e a preferida de Elcana, talvez a primeira mulher, que, sendo estéril, o costume permitia que seu marido tivesse outra que lhe permitisse ter descendentes, no caso, **Penina**. A rival, apesar de ter filhos, não perdia ocasião para humilhar Ana, multiplicando o

seu opróbrio entre as mulheres. Em sua peregrinação anual a Siló, para adorar ao Senhor, Penina sempre a provocava e irritava. Isso se repetia ano a ano, num sofrimento permanente. Ana se encontrava numa situação muito triste, em profunda angústia de alma. Cansada de chorar, perdia até o apetite, diante das afrontas. Apesar de ser a preferida do marido e ele demonstrar o seu amor, isso não preenchia a sua alma.

Diante do sofrimento prolongado, houve um dia em que Ana tomou algumas atitudes. Primeiramente, derramou a sua alma diante do Senhor; depois, fez um voto que custava a realização do seu sonho: o filho que Deus fizesse romper a sua madre, ela o daria ao Senhor. Não foi uma dedicação simples e nem representava uma desforra para a **rival**, já que o seu filho não cresceria com ela. Seria um nazireu, totalmente devotado ao serviço do Senhor. Ana abriu mão do privilégio de criar e alimentar esse filho tão desejado. A oração de Ana foi perseverante, ela não se levantou enquanto não alcançou a sua bênção. Orava com o coração, sem alardes, numa profunda contrição. Orou, também, com objetividade, pois, ao pedir a sua bênção, Ana especificou que queria um filho varão, a prova da sua restauração completa. Enfim, orou com entrega, sem reservas.

O sumo-sacerdote Eli teve sua atenção despertada pela postura de Ana, que movia os lábios sem pronunciar palavras, acusando-a de estar embriagada e apresentando-lhe a imoralidade de tais hábitos. Ana defendeu-se com tal integridade, que o sacerdote mudou na hora a sua maldição em bênção e a despediu em paz.

Nem sempre a pessoa é entendida em sua consagração e entrega. Se Ana se preocupasse com o que os outros fossem pensar, ou ficasse indignada e murmurasse com a repreensão do sacerdote, perderia a sua bênção. Sua humilhação convenceu o sacerdote, a Deus e a ela, que saiu aliviada, alegre e alimentada. Com as forças renovadas para retomar o seu caminho, sua depressão acabou, mediante a entrega e a bênção que recebeu pela fé. Após receber a palavra da vitória, Ana se tornou em outra mulher, pois "*passado algum tempo*", foi recompensada em

sua esperança. Tempo de festa, de alegria, de esperanças renovadas, de satisfação; o filho estava no ventre, completou sua gestação e nasceu. Ana finalmente contemplou a quebra da sua maldição, o fim da sua vergonha, o rolamento do seu opróbrio! Ser mãe é uma grande dádiva e um profundo privilégio. Chamou o filho de Samuel, hb "*pedido ao Senhor*" ou "*resposta de oração*".

Quando chegou o tempo de cumprir o seu voto, Ana não titubeou: falou com o marido e dirigiu-se ao templo, para entregar o menino ao sumo-sacerdote. "*Ana precisava de um filho, Deus precisava de um servo*". O voto de Ana supria a necessidade de Deus. Antigamente, as mães amamentavam seus filhos até os dois ou três anos, idade em que Samuel fora levado ao tabernáculo para servir ao Senhor. Junto com o menino, levou consigo um novilho de três anos, um efa de farinha e um odre de vinho, para o sacrifício. O bezerro degolado representava o sacrifício de Ana, entregando seu tão desejado filho ao Senhor, sob a supervisão do sacerdote Eli. Ao falar com o sacerdote, ela o fez lembrar do dia em que a abençoara, testemunhando com alegria: "*por este menino orava eu*". E agora falava ao sacerdote da promessa que fizera: "*ao Senhor o entreguei*".

Na verdade, doar ao Senhor é a melhor entrega que se pode fazer de um filho. Ana era mulher extraordinária em sua integridade, fé e compromisso com Deus. Manteve o seu voto a um grande custo pessoal, como sacrifício de gratidão a Deus, que a resgatou de seus problemas, mudou seu pranto em alegria e a colocou em seu lar como mãe de outros filhos, feliz e realizada. Ver o que diz Nm 30; Ec 5:1-7; Jz 11:30-40 acerca de **votos**. Ao buscar a Deus com sinceridade, ela recebeu uma profunda transformação: a angústia virou alegria; os olhos voltaram a brilhar; voltaram a disposição e o apetite; melhorou cem por cento o relacionamento a dois; Deus deu a Ana um presente maior do que um filho – deu-lhe a alma restaurada, refeita, Sl 66:16.

Após entregá-lo a Deus, Ana continuou seu cuidado com o filho, mas consciente de que ele pertencia ao Senhor. Via-o apenas uma vez ao ano e comoveu o coração de Eli, que abençoou o seu marido. Este é um maravilhoso exemplo de **mulher**

que abençoa o seu marido com o seu procedimento espiritual. Além disso, após receber a sua oferta, o Senhor deu-lhe bênção quintuplicada, quando pôde abrigar no seio outros cinco filhos. Mais importante do que ter ou receber uma bênção é ter uma alma farta, cheia de louvor a Deus. Mais importante do que a resposta à oração, é a alma, satisfeita, ter sido agraciada pela presença de Deus, Sl 106:15.

Creemos que Ana, sendo tão temente e sincera, passou por tal provação por alguns motivos. Primeiramente, o Senhor a conhecia, sabia que suportaria tal pressão, 1Co 10:13. Havia, também, a situação espiritual dos filhos de Eli, 2:12-17, o Senhor não tinha quem o sucedesse e precisava de um homem totalmente consagrado. Por outro lado, a situação no tempo dos Juízes, espiritualmente, era calamitosa, Jz 21:25 e Ele precisava restaurar a vida devocional de Israel, usando alguém sensível à Sua voz. Por fim, a provação levou Ana ao ponto que Deus queria: a entrega do seu filho varão, para uso do Senhor. Ana proferiu um cântico de exaltação ao Deus que usou de misericórdia para com sua vida, 1Sm 2:1-10, ver **Cânticos de mulheres na Bíblia**.

2. Profetisa em Jerusalém, filha de Fanuel, da tribo de Aser, Lc 2:36-38. Boyer entende que ela fosse **viúva** havia 84 anos, mais sete que viveu com o marido, mais a idade com que se casou, então contaria com mais de 105 anos. Gardner entende que ela possuía 84 anos nessa ocasião. De qualquer maneira, era bastante idosa. Após a viuvez, que se deu com apenas sete anos de casamento, devotou-se exclusivamente ao serviço do Senhor, atuando no templo “*dia e noite*”. Aser, de cuja tribo Ana procedia, recebera uma profecia, nas bênçãos de seu pai Jacó, que “*o seu pão será abundante, e ele dará delícias reais*”, Gn 49:20. Cumpre-se a profecia mais uma vez em Ana, sua descendente, quando, em sua velhice, tem a delícia de ver o “Rei dos reis”. Apesar da idade e de a cidade ser cheia de ladeiras, estava sempre no templo, consagrando sua vida em oração e jejuns. Este é, talvez, o maior fruto que se pode dar na velhice, cf. o Salmo 92:14: a intercessão pelo reino e pela obra de Deus. A oração é uma bênção em

qualquer lugar, mas o mistério quando se a faz no templo, é muito maior.

Ana pertencia ao Velho Testamento, mas aguardava o Novo Concerto com temor. O conhecimento da profecia bíblica acerca do Messias e da palavra revelada mantinha aquela anciã perfeitamente ligada a Deus, esperando a redenção de Israel. Isto contraria a doutrina modernista de que só o Novo Testamento possui valor. Quem conhece e ama a Palavra de Deus, terá a alegria de vê-la se cumprindo em sua vida. Ana trazia os ouvidos bem abertos e quem sabe comentava com o ancião Simeão acerca dos últimos acontecimentos, narrados por Zacarias, **Isabel**, os pastores de Belém e os magos do Oriente. Quando Simeão, pelo Espírito, reconheceu Jesus, passou a dar graças a Deus e a anunciar Jesus. Ana, apesar de idosa, relacionava bem as suas companhias. Estava com Simeão no templo, “*homem justo e temente a Deus*” e cheio do Espírito Santo, v. 25; homem de revelação, v. 26; dirigido pelo Espírito, v. 27 e em plena liberdade espiritual, vv. 29-32. Isso foi para ela muito salutar e de tremendo proveito espiritual, naquela hora singular na história de Israel. Era uma pessoa provada e aprovada, pois, tendo vivido apenas sete anos com seu marido, não se desviou do Senhor e nem saiu em busca de aventuras, 1Tm 5:3-15.

3. A mulher de Tobias – autor do livro apócrifo de seu nome, Tb 1:9.

4. A mãe de Maria e avó de Jesus, segundo o apócrifo *Protoevangelium de Tiago*. Permeada de lendas e fantasias, sua história relata que tivesse sido estéril por muitos anos, mas que ela e seu marido, Joaquim, teriam recebido uma promessa de que haveriam de gerar filhos. Segundo a lenda, quando Maria nasceu, teria sido dedicada ao Senhor por toda a sua vida. Aos três anos de idade, fora levada ao templo por Ana e “*ali permaneceu, alimentada pelos anjos, até a idade de 12 anos*” – coisa que nem Jesus experimentou! Relatos posteriores apresentam Ana como mãe de outras duas meninas, também chamadas Maria, que vieram a casar-se, respectivamente, com Alfeu e Zebedeu. Certamente este Zebedeu não é o pai de

João e Tiago, pois estudos da Bíblia concluem que sua mulher se chamava **Salomé**, ver.

ANJO. Nome de entes celestiais mais elevados do que o homem em dignidade, Sl 8:6; Hb 2:7. Os anjos foram criados por Deus, Hb 1:14. A palavra “anjo” representa, tanto no hebraico quanto no grego, *mensageiro*, portanto, seres com um ofício determinado. Os anjos são ministros de Deus que operam em favor dos santos, remidos pelo sangue de Jesus, Hb 1:14.

Esse termo é utilizado também para designar um profeta, Hc 1:13; um sacerdote, Ml 2:7; os pastores da igreja, Ap 1:20; 2:1, 8, 12, 18; 3:1, 7, 14; ou os seres celestiais, Sl 29:1; 89:6. Em sentido amplo, ainda aparecem na Bíblia como anjos: a coluna de nuvem, Ex 14:19; a pestilência, 2Sm 24:16-17; os ventos, Sl 104:4 e as pragas, Sl 78:49. Existe o uso do anjo como figura comparativa de pessoas boas, puras, que andam em amor e servem a Deus com verdade, 2Sm 14:17, 20; At 6:15.

Os anjos não possuem sexo, não se casam e nem se dão em casamento, Mt 22:30. Ao menos em poesia, pela sua natureza são chamados filhos de Deus, Jó 1:6; 37:7. Chamados santos, pelo seu caráter, Jó 5:1; Sl 89:5, 7. Há indícios de duas categorias de anjos, em ofício e dignidade, ou seja, os arcanjos, que seriam os chefes, e outros de inferior posição, 1Ts 4:16. A Bíblia fala em serafins e querubins, em tronos e domínios, principados e potestades, Rm 8:38; Ef 1:21; 3:10; 6:12; Cl 1:16; 2:15. Ato justiceros do governo divino aparecem sendo executados por anjos, 2Rs 24:16; 19:25; Zc 1:7-17. Acampam-se ao redor dos que temem a Deus, embora invisíveis aos olhos humanos, Sl 34:7; Gn 28:12; 48:16; 2Rs 6:17; Is 43:9.

Os anjos ocupam lugar saliente na história de Jesus, anunciando o Seu nascimento e o de Seu precursor, proclamando o Seu advento aos pastores, servindo-O depois de Sua vitória no deserto e na Sua angústia no jardim, avisando Seus pais e os magos, Mt 1:20; 2:12-13, 19; Lc 1:8-17, 26-38; 2:9-15; 22:43.

Há alguns anjos enviados a executar ordens divinas, que são chamados “Anjo do Senhor”, 2Sm 24:16;

1Rs 19:5-7. Também se menciona um anjo, que em certas circunstâncias parece ser distinto de Jeová, e que, no entanto, se identifica com Ele, Gn 16:10, 13, 14, 33; 22:11, 12, 15, 16; 31:11, 13; Ex 3:2, 4; Js 5:13-15; 6:2; Zc 1:10-13; 3:1-2. Assim, em Gn 32:30, é mencionado um anjo em que se revelava a face de Jeová, que tinha o nome de Jeová, e cuja presença equivalia à presença de Jeová, Gn 22:11; Ex 32:34; 33:14; Is 63:9. O anjo do Senhor aparece como uma manifestação de Jeová, um com Ele e, todavia, diferente dEle.

Existe a classe dos anjos caídos, os quais, em tempos remotos, se rebelaram contra Deus entre os seres espirituais. Liderados por Satanás, o mais elevado dos anjos do céu, um terço dos anjos foi lançado da glória celestial para o inferno e se tornaram os maiores inimigos do ser humano, Is 14:11-15; Ez 28:13-19; Mt 25:41; 2Pe 2:4. Por meio desses anjos caídos, denominados demônios, muitos males são feitos e eles estão por trás das desgraças que permeiam a humanidade. O papel deles foi resumido por Jesus: “*roubar, matar e destruir*”, Jo 10:10. Apesar do estrago que fazem, tais anjos do mal são facilmente dominados pelo Todo-Poderoso Filho de Deus, o qual prometeu aos que crêem no Seu nome para salvação: “*e estes sinais seguirão... em Meu nome expulsarão demônios*”, Mc 16:17.

Os anjos desempenham funções, sob a autoridade de Deus, as quais variam desde o serviço imediato diante do trono de Deus, até os mais variados serviços na esfera terrestre. Tanto atuando individualmente, como em favor de nações, comunidades ou indivíduos, a Bíblia diz que eles são “*espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação*”, Hb 1:14. Ao que parece, a ação dos anjos em favor de homens, localidades e até na natureza, é uma correspondência às orações e à intimidade do homem que se dispõe a fazer a vontade de Deus, Gn 18:16-33; Dn 6:22; At 10:1-4.

Algumas mulheres da Bíblia tiveram contatos com anjos:

a) **Agar**, Gn 16:7-11, quando ela fugiu de Sara e o anjo a mandou retornar, falando que teria um filho,

AOLIBAMA

ao qual deveria chamar Ismael e fazendo uma promessa, de que a sua semente seria numerosa na terra; em Gn 21:14-20, novamente o anjo do Senhor a encontra, quando Abraão a enviou para longe de seus arraiais e fez reviver o seu filho, quase à morte por falta de água, reforçando a promessa que fora feita anteriormente.

b) **Sara**, Gn 18:1-16, quando três anjos apareceram a Abraão e fizeram a promessa de que eles teriam um filho. Tendo ela rido consigo mesma, por achar a promessa absurda, o anjo do Senhor a repreendeu, dizendo que dali a um ano ela teria um filho.

c) **A mulher de Ló e as filhas de Ló** – Gn 19, quando dois anjos foram a Sodoma e falaram a Ló acerca da destruição da cidade. Como eles se demoravam a sair, os anjos os tomaram pelas mãos e os conduziram para fora da cidade.

d) **Todas as mulheres de Israel** – Ex 14:19, o anjo do Senhor que seguia à frente do povo de Israel, quando saía do Egito; Jz 2:1-4, um anjo apareceu em Boquim, perante todo o povo de Israel, para os instruir e admoestar acerca do relacionamento com o povo da terra de Canaã, levando-os ao clamor com prantos.

e) **Débora** – Jz 5:23, quando o anjo do Senhor admoesta o povo através da juíza e profetisa, quando entoava o seu cântico em louvor pela vitória contra os cananitas.

f) **A mãe de Sansão** – Jz 13, o anjo lhe apareceu para prometer que dela, mulher estéril, nasceria um filho, que seria consagrado ao Senhor com voto de Nazireu, o qual livraria a Israel da sua servidão debaixo do domínio dos filisteus.

g) **Maria, mãe de Jesus** – Lc 1:26-38, quando o arcanjo Gabriel foi enviado a Maria, em Nazaré, e lhe prometeu que do seu ventre sairia o Salvador do mundo. Maria teve um diálogo muito íntimo com o anjo e recebeu dele as instruções. Inclusive, o anjo lhe contou que **Isabel**, sua prima, estava grávida, o que a levou a dirigir-se à casa de sua **prima** e permanecer com ela por três meses.

h) **As mulheres que foram ao sepulcro de Jesus** – Mt 28:1-7; Mc 16:5-7; Lc 24:4-10; Jo 20:11-13, as quais foram as primeiras a receber a notícia, dada pelos anjos, de que o Senhor havia

ressuscitado. Eram elas: Maria Madalena, **Joana**, **Maria mãe de Tiago**, **Salomé** e outras.

AOLIBAMA. O mesmo que **Oolibama**, ver.

APARIÇÕES DE MARIA. No dicionário teológico aparição significa “*uma manifestação de Deus, dos anjos ou dos mortos (santos ou não) que se apresentam sob uma forma que impressiona os sentidos*”.

A Igreja Católica Romana admite aparições de **Maria de Nazaré, a mãe de Jesus**, em muitos lugares, dizendo que elas servem como um canal a conduzir os homens ao seu Filho e a fazer a Sua vontade. Assim, a finalidade das aparições, segundo eles, é salientar aspectos da doutrina do evangelho de Cristo. Admitem que Maria age como **Mediadora**, procurando trazer os homens para o caminho da salvação, diante dos riscos que aqueles correm de se afastar da fonte genuína que é Cristo. As aparições, dizem, “*a fazem cuidar dos irmãos de Seu Filho, que caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada*” (Lúmen Gentium, 62).

Dizem que as aparições também têm como característica acentuar um ou outro aspecto particularmente urgente numa determinada época, num determinado lugar. Assim, ela “aparece” nos mais diversos lugares, passando a receber o nome daquele lugar, ou o nome que caracteriza a mensagem, ou algo que identifique o fato (p.ex., Fátima, Guadalupe, Aparecida, da Glória, da Luz, do Bom Parto, do Perpétuo Socorro e infindos outros). Os mais célebres lugares de “aparições” de Maria que na vida da Igreja Católica têm maior importância são Lourdes e Fátima, centros de peregrinação mundialmente conhecidos. No Brasil, uma imagem que “apareceu” no Rio Paraíba, fez de Aparecida do Norte o maior centro devocional do catolicismo da América do Sul. Embora não se trate de um “*aeon*”, ou seja, aparição sobrenatural, a estátua toma o nome de uma aparição.

“É preciso deixar claro que a aparição de Nossa Senhora, de qualquer santo ou anjo a uma pessoa é uma revelação particular. Desde que seja verdadeira ela nada vem a acrescentar ao que já

nos foi revelado por Jesus Cristo quando da sua encarnação entre nós. Daí tiramos que acreditar ou não nas aparições e suas mensagens não é ponto de fé e doutrina, mas uma experiência de piedade popular que é muitas vezes incentivada pela Igreja e animada em cada diocese aonde aconteceu a aparição". (Doutrina católica)

As supostas aparições, embora apresentem mensagens piedosas e até incluem o nome de Jesus Cristo, produzem uma fé mística, na qual as pessoas ficam presas a testemunhos de milagres e "graças" recebidas, ao mesmo tempo em que prendem a alma das pessoas nesse mesmo misticismo. Existe também, por trás das "aparições", toda uma parafernália de credices que se transforma num vantajoso comércio.

As Escrituras registram muitos casos de aparições de anjos ou do Anjo do Senhor (que é considerado uma manifestação da presença de Jesus ou um "éon"), por exemplo, Gn 18,19; Êx 3; Js 5:13-15; Jz 6,13; Ez 1,3; Dn 10; Lc 1; bem como de demônios, Mt 4:3-11. Aparições também foram notadas em sonhos, por exemplo, 1Rs 3; Mt 1. Ver **anjos**.

Todavia, não se encontram, na Bíblia, aparições de pessoas que viveram na terra, exceto Jesus, que apareceu por diversas vezes depois de ressuscitado, como indicam os últimos capítulos dos Evangelhos e depois de assunto ao céu, para Estêvão, At 7; Paulo, At 9; e João, Ap 1. No monte da Transfiguração, Mt 17 e ref., os apóstolos Pedro, Tiago e João viram dois personagens da história bíblica: Elias e Moisés. Essa experiência de um antegozo da glória divina era uma revelação para os discípulos sobre a natureza da obra e do Reino de Cristo. Jesus é visto por eles na Sua glória divina, cf. Jo 17:5, ladeado por Moisés, representando a Lei de Israel, e por Elias, representando os Profetas. Jesus é revelado como a realidade gloriosa à qual a totalidade do A.T. apontava o cumprimento de toda a história da redenção, desde o dia no qual Abraão, chamado para obedecer a Deus, abandonou tudo para receber a herança, Gn 12:2-3; 15:4,5.

As aparições de Elias e Moisés somente corroboraram o fim da lei e dos profetas, para autenticar a Pessoa de Cristo como o Enviado de

Deus: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a Ele ouvi" e eles, levantando os olhos, "a ninguém viram, senão somente a Jesus", Mt 17:5,8. A Bíblia, fora estas exceções, não apresenta o registro de nenhuma aparição de outros seres, principalmente de pessoas mortas. Existe o registro de um fato de Saul com uma **feiticeira** de En-Dor, ver o tópico para esclarecimentos. Ver **idólatra**. Portanto, as "aparições" de Maria não passam de experiências forjadas pelo Astuto Enganador que, desde o princípio, conseguiu dominar **Eva** com suas mentiras e afastá-la da verdadeira adoração a Deus. Em 2Co 11:14 Paulo adverte que Satanás, para enganar as pessoas se transforma até em "*anjo de luz*", precisando buscar o discernimento, bem como revestir-se de "toda armadura de Deus", para não cair em suas astúcias, Ef 5:10-18.

APÓCRIFO. A palavra "apócrifo" originalmente significava "oculto", mas passou a significar "espúrio". Teologicamente, os apócrifos representam os livros de história genuína ou assim considerada, ainda que lembre a uma lenda, que foram acrescentados à Bíblia Sagrada em algumas traduções, porém que não foram reconhecidos canonicamente. Tais livros não são considerados de inspiração divina e nem de autoridade como o restante da Bíblia. Nunca fizeram parte do sagrado cânon, nem jamais foram citados por Cristo ou pelos apóstolos. Os livros apócrifos do V.T. foram acrescentados às Sagradas Escrituras, pela primeira vez e contra a vontade dos judeus, na tradução do Antigo Testamento pelos Setenta, a Septuaginta, em Alexandria no Egito, 282 a.C. Segundo Rm 3:2, Paulo afirma que "*Aos judeus foram confiados os oráculos eternos*", o que contradiz essa versão feita por gentios. Os apócrifos do Velho Testamento são: I e II Esdras, Tobias, Judite, acréscimos em Ester, A Sabedoria de Salomão, Eclesiástico, Baruque, I e II Macabeus e acréscimos em Daniel: O Cântico dos Três Mancebos, A História de Suzana e Bel e o Dragão. Existem livros apócrifos depois de Cristo, porém que não foram incorporados pela Igreja cristã no Novo Testamento. Ver **Judite**, **Ester** e **Suzana**.

AQUINOÃ. Ver **Ainoã**.

ARQUEOLOGIA BÍBLICA. A arqueologia, como ciência, teve início no começo do séc. XIX, com o objetivo principal de descobrir tesouros perdidos. Por meio da Arqueologia, é possível ter-se noções significativas da arte, artefatos, atividades domésticas e fora do lar das mulheres, vestuário, uso de jóias e cosméticos e outros afazeres que elas desenvolviam. Também, por ela, tem-se obtido a confirmação de muitos relatos bíblicos.

Algumas mulheres vêm se destacando nesse campo. Acredita-se que a primeira mulher a escavar um artefato no Oriente Médio tenha sido a nobre inglesa Hester Lucy Stanhope. Em 1815, ela viajou para Asquelom, na Palestina, para procurar ouro. Encontrou apenas uma grande estátua de mármore, que mandou fragmentar em pequenos pedaços antes de deixar o local, para que os otomanos não pensassem que estava tentando contrabandeá-la para a Inglaterra. Uma das arqueólogas bíblicas mais conhecidas talvez seja Kathlen Kenyon, a qual conduziu extensivas escavações em Jericó, de 1952 a 1958, e trouxe muitas contribuições ao mundo da Arqueologia. Dorothy Garrod também se destacou pelo trabalho que iniciou em cavernas da Palestina na região do monte Carmelo em 1929, e Hetty Goldman, que começou as escavações na antiga Tarso, em 1934. A Arqueologia Bíblica mais recente produziu inúmeras colaboradoras significativas: Ruth Amiram, cuja obra *Cerâmica antiga da Terra Santa* contribuiu com ferramentas valiosas para o estudo dos diferentes tipos de cerâmica de Israel; Crystal M. Bennett, que tem trabalhado exaustivamente em muitas áreas dos edomitas; e Carol L. Meyers, que tem apresentado notáveis contribuições ao conhecimento dos costumes bíblicos.

ARRECADAS. Jóias pendentes. Adorno usado pelos israelitas, homens, mulheres e crianças, Gn 24:30; Êx 32:2 e, mais particularmente, pelas mulheres, Êx 16:12. Os povos pagãos, como midianitas, assírios, egípcios e outros também se adornavam com elas. Costumava ser um hábito inocente, embora o profeta Ezequiel exortasse o povo,

dizendo que tomaram das jóias de enfeites e fizeram imagens de escultura com elas, “*prostituindo-se*”, 16:17. Isaías, no cap. 3, também exorta as **filhas de Sião**, que passaram a usar as arrecadas como amuletos (objetos supersticiosos de “sorte”), v.20. Outros as usavam para fins idólatras, como se deu com o povo de Jacó, cujos objetos mandaram enterrar debaixo de um terebinto, Gn 35:4. Eram fabricadas de ouro e de outros metais preciosos, Êx 32:2, Pv 25:12. Pelo que se lê em Gn 24:22,30 e Êx 35:22, não se pode saber se as arrecadas compreendem inclusive as argolas que costumavam pendurar no nariz. O apóstolo Pedro enfatiza que o verdadeiro enfeite das mulheres não está no seu exterior, mas no seu interior, devendo ser adornadas com qualidades benéficas aprovadas para a vida conjugal e social, 1Pe 3:3,4, ver **adorno**.

ARREPENDIMENTO. O arrependimento é a principal mensagem da Bíblia para todos os crentes de todas as épocas. Arrependimento é a atitude interior de transformar-se, de converter-se. Ele tem sua origem nas experiências vividas pela percepção clara e pelo reconhecimento dos efeitos nocivos dos pecados cometidos, quando se viola as leis e condutas morais preconizadas pela Palavra de Deus. O arrependimento produz comportamentos saudáveis de mudanças definitivas, de idéias, de condutas, e até da própria vida.

Arrepende-se significa, na realidade, mudar, de maneira decisiva, a idéia a respeito de algo. A própria ciência tem comprovado que o arrependimento verdadeiro, com as conseqüentes mudanças dele advindo, é condição “*sine qua non*” para o progresso espiritual, mental e material da pessoa. Quando uma pessoa percebe que seus atos, ou suas linhas de conduta ou mesmo todo o rumo de sua vida estão em má direção e decide honestamente mudar suas atitudes e comportamentos, ela está arrependida.

O arrependimento liberta e é fundamental e insubstituível no processo de auto-perdão e divino-perdão pelos erros e falhas cometidas. Jesus disse: “*Se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis*”, Lc 13:3. Condutas imorais

ou pecaminosas em qualquer aspecto da vida humana, geram sentimento de culpa, de aprisionamento e autopunição, com a **atração** de variadas situações de sofrimento. Quando existe o arrependimento genuíno, o passado é apagado por Deus e deixa de existir, 2Co 5:17; Is 43:25. Deus oferece à pessoa arrependida um perdão permanente e incondicional.

O arrependimento, além de salutar para o relacionamento com Deus e decisivo para a eternidade, também é de muita importância dentro dos relacionamentos humanos, principalmente na família e na igreja. É uma obrigação saudável e enriquecedora, cuidar do presente e fazer dos momentos atuais, momentos corretos e benfazejos. A proximidade do Reino de Deus, que é paz, amor, justiça, alegria, é proporcional ao arrependimento, Mt 3:2; Rm 14. Isto significa que devemos modificar nosso modo de pensar e agir constantemente, quando nos reconhecemos errados e temos consciência de que o Deus-Amor está presente para nos ajudar nesse posicionamento.

Entendemos que estamos arrependidos e livres de culpa quando temos **fé** em Deus e no Seu **perdão** incondicional, quando mudamos de vida e de propósitos. O perdão nos capacita para uma nova vida, a vida de Cristo em nós. Quando reconhecemos nossos erros e imediatamente os corrigimos, promovemos uma mudança definitiva da direção da nossa vida. O sinal do arrependimento se nota quando a pessoa decide obedecer às leis que defendem as boas condutas e muda definitivamente seu comportamento imoral, aceitando humildemente o “castigo” pelos erros cometidos. O arrependimento também leva a pessoa a evitar futuras violações das normas morais de boa conduta, recuando em relação a palavras e atos inconvenientes, reconhecendo suas idéias desonestas e, apagando o passado errado, dedicar-se ao presente correto. Arrependimento é sintoma de transformação, de que morreu o “homem velho” e nasceu o “homem novo”. *“A um coração contrito e quebrantado Deus não despreza”*, Sl 51:17.

ARTE. Arte é a capacidade que o ser humano tem de pôr em prática uma idéia, valendo-se da

faculdade de dominar a matéria. A utilização de tal capacidade, com vista a um resultado que pode ser obtido por meios diferentes, depende da área em que a pessoa desenvolve suas aptidões. A arte se manifesta quando supõe a criação de sensações ou de estados de espírito, em geral de caráter estético, mas carregados de vivência íntima e profunda, podendo suscitar em outrem o desejo de lhe dar continuidade ou renová-la. As sensações, gostos e sentimentos das pessoas podem se revelar por meio da arte, em muitas das suas manifestações: música, literatura, pintura, arquitetura, escultura, teatro, etc. Cada povo acompanha tendências das suas tradições, dos seus costumes.

As duras circunstâncias da vida israelita não encorajavam experimentos na arte representativa. Isto se devia, em grande parte, à determinação do segundo mandamento da lei mosaica, o qual influenciava de forma definida, quase supressiva, certas formas de arte entre o povo de Israel, como a pintura, a escultura, o desenho de figuras humanas e outras manifestações. A arqueologia tem descoberto bem pouco do antigo Israel que demonstre interesse artístico entre os judeus. Quando eram empregados operários especializados por reis ou homens ricos, 1Rs 22:39, para embelezarem seus lares com custosas obras artísticas, isso era condenado como um luxo desnecessário, principalmente à base de que expressava um auto-interesse que deixava de preocupar-se primariamente com a Casa e com a obra de Deus, Sl 45:8; Am 3:15; Ag 1:4.

Todavia, os hebreus, por seu encorajamento da música sacra, da literatura (tanto prosa como poesia), e do discurso, estabeleceram um alto padrão de expressão artística nessas áreas, que influenciou profundamente a arte posterior. Por outro lado, são fortemente representados na literatura bíblica a disputa, o diálogo, como, por exemplo, a disputa entre Deus e o povo, entre Deus e o profeta, entre Jó e seus amigos.

Lugar de destaque ocupa na Bíblia a *literatura de sabedoria*. Os sábios são, em regra, conselheiros, educadores de moral. Mas, em contraste com os profetas, a maioria dos sábios não é portadora de

ARTE

idéias novas, senão adeptos dos princípios morais conservadores da classe média, da cidade e do campo. É geralmente a moral do “áureo caminho médio”, que se prega na antiga literatura de sabedoria. Na maior parte usa-se a forma do breve e conciso adágio, e por vezes, o sábio mestre expõe os seus pensamentos numa preleção mais extensa, como vemos em Provérbios e Eclesiastes. Nos tempos remotos encontramos os sábios nos palácios reais, Dn 1. Mais tarde, o ensino da sabedoria, isto é, as corretas normas de vida e as boas maneiras, torna-se assunto popular. Os sábios fazem-se mestres do povo, apresentam-se em público, nos mercados, nas praças públicas e às portas da cidade: “*A suprema sabedoria altamente clama fora: pelas ruas levanta sua voz*”, Pv 8:1-2. A literatura de sabedoria é, por sua própria natureza, universal, e os instrutores peregrinavam de cidade em cidade, de país em país, motivo por que tanto se nota na literatura bíblica de sabedoria a influência das culturas estrangeiras.

Sabemos hoje que os autores dos Provérbios se utilizavam, em parte, de fontes egípcias. As escavações de Elephantina demonstraram que os colonos judaicos do sul do Egito liam os “Provérbios de Achicar”, procedentes sem dúvida de um ambiente cultural não judaico. Por outro lado, a serena *narrativa épica* é relativamente pouco representada na literatura bíblica. O conto idílico de **Rute** é a única narrativa em que se descreve amplamente a vida rural judaica, que se destacou como uma verdadeira obra de arte.

O que falta absolutamente na Bíblia é o *drama*. Coisa que os apócrifos tentaram acrescentar ao relato bíblico. Alguns eruditos apresentam o Cântico dos Cânticos como obra dramática, porém não há nem sequer vestígios de drama, pelo contrário. A ausência da forma dramática na literatura bíblica relaciona-se, certamente, em parte, com a carência de tradições mitológicas. Nos remanescentes da antiga literatura judaica, notam-se testemunhas de uma vida espiritual amplamente ramificada no antigo Israel.

Vemos, na literatura bíblica, o povo tomando parte atívisssima nas mais variadas formas da vida “literária”, principalmente na lírica religiosa. As *canções*

religiosas foram entoadas não apenas pelos cantores do Templo, como também pela assistência, e muitas vezes só mesmo pelos fiéis. Os primeiros vestígios dos cantos respondíveis são encontrados nos Salmos; as orações são cantadas em parte pelo coro e em parte pela congregação. O canto responsivo foi também posteriormente aceito pela Igreja cristã, mas ali a congregação não tomava parte tão ativa como entre os judeus. A comunidade popular, e depois as comunidades religiosas, foram as que criaram a atmosfera em que florescia a antiga literatura judaica.

Os poetas, cantores e escritores bíblicos pertenciam às mais variadas rodas do povo: sacerdotes e levitas (mormente na época do Segundo Templo, quando oficiavam, nos cultos, famílias inteiras de cantores), membros de famílias aristocráticas (como o profeta Isaías) e, sem dúvida, também o autor da história de Davi, Natã) e homens comuns do povo (como o pastor Amós).

Na área da *escultura*, no decorrer da sua história, os palestinos fabricavam a maior parte de seus artefatos usando a argila, a madeira e a pedra. Trabalhar com esses materiais era tarefa de qualquer aldeão saudável, apoiado pelas mulheres da casa, que também fiavam e teciam pano e cozinhavam.

Bordados ornamentais, contudo, fazem parte da cultura do Antigo Testamento e as mulheres sempre estiveram ao lado dos encarregados, quando aqueles eram confeccionados. Vemos os bordados na decoração da porta do Tabernáculo, Êx 26:36; 36:37; na tela para a porta do átrio, Êx 27:16; 38:18; e nas vestes sacerdotais, que se destacavam por seus desenhos originais, Êx 28:6. Havia, também, aplicações inovadoras, Êx 39:24 e até a habilidade com fios de lã, que poderiam ser comparados a nossos trabalhos em tapeçaria ou ponto-cruz de hoje, Êx 28:39; 39:29. O bordado era sinal de luxo real, Ez 16:10,13,18; 26:16, um produto valioso no comércio, Ez 27:16 e um espólio de guerra ambicionado, Jz 5:30.

No Novo Testamento, a arte era imitativa e comercializada, tendendo para o realismo e para a exagerada elaboração, sem suntuosidade. Ao que parece, a principal forma de arte se relacionava com a *música*, especialmente nos rituais religiosos. O

N.T. recomenda a música sacra como um meio para inspirar a espiritualidade, Cl 3:16.

A **mulher** cristã pode desenvolver as artes ou artesanato, até como um meio de sobrevivência ou de acréscimo ao ganho da família. **Priscila** confeccionava tendas; **Lídia** era vendedora de púrpura, um corante vermelho que os antigos extraíam de um molusco, com o qual se tingiam roupas, cortinas, toalhas, etc.; **Dorcás** se esmerava na costura. As mãos humanas podem se dedicar a muitas habilidades, na pintura, na costura, no bordado, na confecção de arranjos e enfeites. Tanto para a beleza da casa, como para a provisão do Templo do Senhor, como para o sustento da família, as artes podem ser desenvolvidas, desde que não firam os mandamentos divinos, que abominam e castigam a **idolatria**, a **sensualidade**, a nudez e tudo que envolva práticas mundanas. Vale lembrar que **a mulher virtuosa**, descrita em Pv. 31:10-31, costura roupas de linho fino e vende-as, faz cintas e as vende aos mercadores, v.24.

É possível, também, desenvolver na Igreja peças de teatro, jograis, crônicas, poemas, todos com fins evangelísticos ou para a edificação do corpo de Cristo. Alertamos, porém, que as representações dramáticas, nos tempos antigos, ligavam-se, na maioria dos casos, aos acontecimentos no mundo dos deuses, com forte influência da mitologia. Por isso, buscar a direção do Espírito Santo e coadunar-se com as orientações da Palavra são os melhores meios de fazer arte sem desagradar a Deus. A história relata sobre uma mulher cega, chamada **Fanny Crosby**, a qual venceu suas dificuldades e, aos 24 anos, publicou seu primeiro livro de poesias, todas dedicadas ao Senhor. Essa sensacional mulher morreu com quase 100 anos, tendo deixado uma herança de mais de nove mil hinos de louvor ao seu Deus, boa parte deles perfazendo o rol dos hinários usados hoje pela Igreja cristã.

ÁRTEMIS. Deusa grega das florestas e dos montes, chamada por Homero de “a senhora da vida selvagem”, a virgem caçadora. Na mitologia, era filha de Leto e Zeus e irmã de Apolo, sendo considerada também a deusa da fertilidade, que ajudava nos partos das mulheres. Proporcionava,

segundo as crenças, morte suave às mulheres e presidia, ainda, os divertimentos inerentes à caça. Sua escultura representava uma figura feminina com múltiplos seios. Sua equivalente romana era **Diana**, deusa adorada nos tempos do Novo Testamento, sendo o principal centro de culto a cidade de Éfeso, onde também era reconhecida como a deusa da fertilidade.

ASERÁ / ASERINS. Uma deusa da Síria e de Canaã, que representava a fertilidade. Ela é mencionada também no épico de Ras Shamra, sendo a senhora do mar, consorte de El, e a principal deusa de Chipre, em cerca do séc. XV a.C. Aserins é sua forma plural. As referências bíblicas que mencionam esse nome referem-se a algum tipo de culto que envolvia madeira, talvez porque houvesse ídolos feitos de madeira, ou talvez porque fossem queimadas madeiras com o propósito sagrado de ofertas a essa deusa, 1Rs 15:13 e 2Rs 21:7. Representava a mesma deusa **Diana**, do panteão romano e **Ártemis**, do panteão grego. Nos textos ugaríticos, ela era a deusa do mar, intimamente ligada a Baal (tipo da lemanjá de hoje). Não só fabricavam imagens dessa **deusa**, 1Rs 15:13, como também utensílios especiais para o seu culto, 2Rs 23. Seus profetas, sustentados por **Jezebel** juntamente com os de Baal, foram destruídos por Deus, mediante a ação e fé de Elias, 1Rs 18:19. Por fim, Aserá tornou-se a principal deusa de toda a Ásia ocidental, sendo que **Astarte** e **Anate** eram variantes do seu nome. Nas gravuras antigas, ela é representada despida, montada sobre um leão, com um lírio em uma das mãos e uma serpente na outra. Também era chamada de Santidade ou Santa, embora fosse adorada em um ambiente de **prostituição**, ver Dt 23:28; 1Rs 14:24; 15:12; 22:46. A ordem do Senhor era cortar os Aserins (postes-ídolos), Êx 34:13, cujas colunas eram levantadas junto aos altares. Israel assimilou outras culturas e religiões a tal ponto que a adoração a Baal e Aserá penetrou com muita intensidade em suas práticas, conforme muitas passagens bíblicas. Em 2Rs 21:3,7 é tal a sua influência que o rei Manassés fixou uma coluna de Aserá dentro do Templo, abominação que provocou tamanha ira

ASSUNÇÃO DE MARIA

no Senhor, que Ele prometeu destruir Jerusalém e permitir que os inimigos de Judá dominassem a terra, levando o Seu povo em cativo.

ASSUNÇÃO DE MARIA. Dogma defendido pela fé católica, proclamado pelo Papa Pio XII, em 1º de novembro de 1950, na Constituição *Munificentissimus Deus*, justificado com dois argumentos principais. Primeiramente, ensinam que Maria é aclamada pelo anjo Gabriel como uma mulher “cheia de graça”. Entendem, assim, que Maria nunca esteve sujeita ao poder do pecado e, por isso, não conheceu a corrupção na sepultura, sendo glorificada não só na alma, mas também no corpo. Segundo, defendem que a carne da mãe e a carne do filho são uma só carne. Conseqüentemente, deve ter cabido a Maria a mesma sorte gloriosa para que fosse “assunta” ao céu.

Se formos verificar na Bíblia e nos originais, a tradução “cheia de graça”, na saudação do anjo Gabriel, não está correta. O anjo saudou Maria com a expressão “*salve, agraciada*”, Lc 1:28, o que representa que ela foi altamente favorecida por Deus por ter sido escolhida para ser a mãe de Jesus. Ao entoar o “**Magnificat**”, Maria deixou clara sua condição de humildade e humanidade pecadora, quando chama Deus de “*meu Salvador*”, Lc 1:46-48. Colocando-se em idêntica condição de todos os seres humanos, ela não se identificou como “*senhora*”, mas como “*serva*”.

No tocante à identidade da carne de Jesus e de Maria, é correto dizer que a natureza humana de Jesus em tudo foi idêntica à de sua mãe terrena, porém a forma de geração de seus corpos ocorreu de maneira completamente diferente. Jesus foi concebido miraculosamente no ventre de Maria pelo Espírito Santo, o que O torna incorruptível, Lc 1:30-35. Maria, porém, nasceu da união de um homem com uma mulher, portanto trouxe a semente do pecado herdada de seus pais, Sl 51:5. Se ela foi imaculada na sua concepção, o mesmo teria que ocorrer com toda sua linhagem genealógica, o que é impossível de crer.

Uma das evidências que contradiz a assunção corporal de Maria ao céu, está no relato das visões de João em Patmos, e descritas no Apocalipse.

João provavelmente fosse sobrinho de Maria, ver **Salomé**. Ele viveu quase um século, o que representa que Maria já fosse morta quando teve a revelação. Ele viu os céus abertos, recebeu mensagens estupendas e não faz nenhuma alusão a Maria. Fala de anciãos, anjos, o que estava assentado no trono, do cordeiro, de Jesus, do coral de anjos, sobre as almas debaixo do trono, mas não diz nada sobre ter visto Maria como rainha no céu, assentada em um trono ao lado seu filho, Jesus. Aliás, João já dizia em seu Evangelho, escrito em fins do século 1º: “*Ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem*”, 3:13. E não fez nenhuma ressalva sobre Maria. Alguns exegetas entendem que a mulher de Ap.12 seja Maria; ainda que o fosse, não aparece ela sendo “*levada para o céu*”, mas sendo “*levada para o deserto*”, vv.6,14.

Paulo também, que era grande estudioso das Escrituras e ferrenho defensor das verdades bíblicas, fez somente uma menção indireta a Maria, quando disse que Jesus foi “*nascido de mulher*”, Gl 4:4. Ele faz referência à ressurreição futura dos crentes, dizendo que Cristo foi as primícias (o único que morreu e foi para o céu, não voltando a morrer, como os outros que Ele ressuscitou) e os que são de Cristo, ressuscitarão por ocasião da Sua vinda, 1Co 15:23. Em 1Ts 4:13-18, ele afirma que, na vinda do Senhor, os “*que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro*”, portanto não dá nenhuma vazão para admitir que Maria já tivesse ressuscitado e subido corporalmente aos céus. Como todos os demais santos, ela aguarda o ressoar da trombeta que chamará os escolhidos do Senhor no dia do arrebatamento da Igreja.

Da mesma forma, a Carta aos Hebreus, escrita bem depois do suposto trânsito de Maria ao céu, expõe com clareza a doutrina do ministério intercessório de Cristo em favor dos crentes, mas nada diz sobre Maria desempenhando tais funções na glória, Hb 4:14-16.

Como não existe nenhum fato histórico comprovado sobre a assunção de Maria, nenhum relato dos apóstolos, nenhuma evidência sequer do local correto de sua morte e sepultamento, esse dogma perde totalmente a sua validade, no

confronto bíblico. Com exceção dos casos excepcionais de Enoque, Gn 5:24 e Elias, 2Rs 2:11 (que foram para o céu, mas não vieram de lá), a única ascensão aos céus que encontramos na Bíblia é a de Cristo (que veio do céu e para lá voltou), At 1:9-11, contemplada por Estêvão, At 7:56, e corroborada por João, Ap 1:13-18.

ASTAROTE (Astarte ou Asterote). Hb “União” - Jz 10:6; 1Sm 7:4; 12:10 – Astarote ou Asterote é a forma plural da **deusa** Astarte. Deusa-mãe dos fenícios, nome este inspirado pela beleza do planeta Vênus, e simbolizando também a suave radiação da lua, porém na figura da vaca. Era a deusa do poder produtivo, do amor e da guerra, filha de El com a deusa **Aserá**. Era a principal divindade feminina, como Baal era o principal deus, sendo assumida depois por várias nações, principalmente nas religiões babilônica e assíria. Considerada a deusa do poder produtivo, do amor e da guerra. O seu culto era acompanhado de grande licenciosidade, em que os bosques representavam uma proeminente parte. Havia templos e lugares ao ar livre que lhe eram dedicados para adoração, em todas as cidades e aldeias, os quais se tornavam centros de imoralidade. As pombas eram-lhe consagradas.

A “**rainha dos céus**” que as mulheres hebraicas adoravam com a conviência de seus maridos, fazendo-lhes bolos, oferecendo libações e queimando incenso em sua honra nas ruas de Jerusalém, era **Ishtar** ou a mesma Astarote, Jr 7:18; 44:17-25. Era adorada em Sidônia (ou Sidon), por isso, foi denominada deusa dos sidônios, região da qual vieram **Jezebel** e outros personagens. Nos dias de Abraão era muito venerada na parte oriental do Jordão, Gn 14:5. Os judeus prestavam-lhe culto nos tempos dos Juizes, logo após chegarem à terra prometida, Jz 2:13; 10:6. Era uma adoração comum no tempo de Samuel, 1Sm 7:3,4; 12:10. Salomão lhe conferiu o prestígio do seu glorioso nome, quando concedeu sanção para a adoração dessa deusa, 1Rs 11:5,33; 2Rs 23:13. Após Saul ter sido morto pelos filisteus, sua armadura foi posta no templo de Astarte, em Bete-Seã, 1Sm 31:10.

Havia também uma cidade chamada Astarote no lado oriental do Jordão, em Basã, no reino de Ogue;

assim chamada, talvez, porque era sede dos cultos à deusa do mesmo nome. Esta, como outras deusas dos panteões pagãos, inspirou o catolicismo romano à adoração de **Maria, a mãe de Jesus**. Ver **idolatria**.

ATALIA. Hb “Jeová aflige”. Filha de **Jezebel** e Acabe, do reino do norte, 2Cr 22:5, e **mãe** do rei Acázias, 2Rs 8:26. Reinou sete anos em Judá, 11:3,4, sendo morta por ocasião de uma insurreição dos sacerdotes em favor de Judá, 11:4-6. É chamada “filha de Onri”, que foi pai de Acabe, significando que foi **netá** dele, em uso comum no hebraico. Casou-se com Jeorão, filho de Josafá, rei de Judá, 8:25,26. Por esse motivo, Josafá, usualmente reto em sua conduta, ligou-se à casa idólatra de Israel (reino do Norte). Essa **mulher** herdou a falta de escrúpulos e a coragem sangüinária da mãe, daí resultando intermináveis perturbações.

Atalia mostrou-se ardorosa defensora do culto a Baal, costume dos sidônios. Após ficar **viúva**, seu filho Acázias subiu ao trono, 8:26 e 2Cr 22:2. Dentro de menos de um ano, Jeú assassinou Acázias, juntamente com Jeorão, rei de Israel. Desejosa de poder e tomada por um ímpeto maligno, assassinou todos os seus netos, com exceção de Joás, salvo por sua **tia** Jeoseba, **irmã** de Acázias, também **filha** do rei Jeorão (não sabemos se filha de Atalia ou de outra mulher que o rei porventura tivesse), 11:2 e 2Cr 22:11. Atalia foi ganhando mais autoridade a cada dia, usando-a sempre para fazer o mal. A mortandade dos netos foi para usurpar o trono de Davi. Durante seis anos governou, sem que ninguém lhe barrasse o caminho. Porém, foi justificada pelo sacerdote Joiada, ver **Jeoseba**. Ao ser capturada, os seus gritos de “traição”, 11:14 e suas vestes rasgadas de nada lhe valeram, tendo sido morta fora do recinto sagrado, na tentativa dos sacerdotes de sufocar a revolta dos palacianos, 11:15,16.

Em 2Cr 22:3, vemos que seu filho Acázias fez o que era mau perante o Senhor, “*como a casa de Acabe*”, porque “*sua mãe era sua conselheira, para proceder impiamente*”. Essa mãe ensinava ao filho a perversidade, a impiedade. Que triste exemplo! Foi a única mulher a reinar em Judá, com exceção

ATARA

de **Débora**, que foi **juíza** de Israel antes da divisão das tribos, Jz 5. Ver **adjutora**.

ATARA. Hb “Coroa” – **esposa** de Jerameel, 1Cr 2:26, **mãe** de Onã.

ATRAÇÃO. Desejo de aproximar a si. Deus possui esse sentimento com relação à humanidade, distanciada D’Ele pelo pecado, Jr 31:3; Is 11:4. Jesus, ao morrer na cruz, desejava atrair todos a Si mesmo, Jo 12:32.

Porém, existe a atração entre os seres humanos, geralmente no sentido sexual. Quando Deus formou o homem e a mulher em Gn 2, Ele colocou neles a atração sexual: “*E disse o homem: Esta, afinal é osso dos meus ossos e carne de minha carne*”, Gn 2:23. Adão sentiu-se atraído por **Eva**. O macho sente atração pela **fêmea** e vice-versa. Esta sensação começa na pré-adolescência e permanece enquanto a pessoa tiver vitalidade. Esse tipo de sentimento é perfeitamente normal. A pessoa saudável fisicamente sente uma atração especial pelo sexo oposto. “Atração sexual” é diferente de “desejo sexual”. Sentir atração sexual não é pecado, se evitar-se as fantasias e o desejo que pode despertar por trás da atração. O “desejo sexual” é a vontade de tomar para si a pessoa pela qual se sente a atração, e também não é pecado, se for bem administrado espiritualmente.

A **mulher** que quer ter uma vida pura diante de Deus não deve ficar se atormentando por seus sentimentos sexuais naturais. Pelo contrário, deve agradecer a Deus por este presente e privilégio: a **sexualidade**. Quem fez o sexo foi Deus e não o diabo. “*Deus os criou: HOMEM e MULHER os criou*”, Gn 1:27. Antes de Deus formar o homem do pó da terra, Ele já tinha criado o ser humano - macho e fêmea - em Sua mente. Isto quer dizer que Deus criou o sexo antes de formar o homem. Entre as Suas ordens para o homem, estava a da reprodução, Gn 1:28, o que inclui a ação sexual, Gn 2:24b. Não foi o homem quem inventou o ato sexual, foi Deus quem projetou a forma do homem se unir a uma mulher e resultar nisto uma só carne. Deus fez o ato sexual e, como tudo que Deus fez, “*era bom*”. Deus fez o melhor para o homem: a

melhor companheira, a melhor atração, o melhor ato, a melhor forma de multiplicação. Foi Deus, também, quem fez a **nudez**, Gn 2:25b.

O homem possui um corpo bonito por suas qualidades de força, os músculos se combinam para dar anatomia perfeita. Mas não é isso que satisfaz plenamente a mulher, visto que a sua sensibilidade pede carinho, afeto, trato especial. O corpo da mulher é diferente, possui qualidade de fragilidade, singeleza e **beleza**, sua forma e suas linhas são diferentes do corpo masculino. O pecado não mudou isso, portanto a “vergonha” refere-se ao que o homem fez do seu corpo, dando lugar ao pecado. A mulher não se admira do corpo do homem porque ele não foi feito para isto, porém o homem é atraído pelo corpo nu ou insinuante da mulher, porque ele foi feito para agradar o homem. Daí, a exploração feminina para despertar a atração do homem, por meio de recursos sensuais.

Embora a **pornografia** seja a atividade mais antiga desenvolvida pelas mulheres, nos últimos tempos ela tem se multiplicado vergonhosamente. Através da internet, das revistas, dos programas de televisão e das fitas de vídeo, o sensualismo atingiu proporções incríveis, alcançando, inclusive, as mulheres e moças de Deus. A queda do homem privou o ser humano da inocência perante a nudez e a Bíblia o chama ao pudor, ao respeito, a “cobrir as vergonhas”, a evitar a nudez, para que o pecado não prevaleça. O sexo não é pecado, desde que praticado dentro do **casamento** e nos parâmetros orientados por Deus em Sua Palavra. O pecado é a depravação sexual, a pornografia, que transforma o sexo em imoralidade, em objeto de comércio. A pornografia é uma maneira de ensinar o sexo erradamente, pois apela apenas para a atração mediante o sensualismo barato.

O instinto sexual faz parte do ser humano e não há culpa nisso. O que Deus proíbe no sexo são as abominações, como: homossexualismo, ver **lesbianismo** (Lv 18:22; Rm 1:24,27); a **bestialidade** (Lv 18:23; 20:15; Dt 27:21); a **prostituição**, que, literalmente quer dizer: colocar-se diante de, oferecer-se à venda, colocar o corpo à disposição para fins lucrativos ou libidinosos (Lv 19:29; 21:9; Dt 23:17; 1Ts 4:3; Nm 25); a

fornicação (Pv 5.15-20; 9.13,18; Ec 11.9; Ct 8.8,10; 1Co 6.15); o **estupro** (Dt 22.25,29); o **incesto** (Lv 18; Dt 27.20,23); a **poligamia** (Lv 18:18); o **adulterio** (Êx 20:14; Dt 22:22; Pv 7:6,24; Mt 2:14-16); os **coitos abusivos** (Lv 15:19; 18:19; Rm 1:26); o **casamento misto** (Gn 6:2; Dt 7:3,4; Ed 9:10; 2Co 6:16); a lascívia, ver **sensualismo** (1Cr 5.9; Gl 5.19) e, finalmente, a provocação, ver **defraudação** (Pv 5:1-6; 6:23-25; 7:10-18).

Esse tipo de atração provocada pela imoralidade, pelo sensualismo, pela oferta barata de programas sexuais depravados, tem resultado em lares destruídos, vidas frustradas, traumatizadas, abatidas pela desilusão, coisas que só o grande amor e ação de Deus podem mudar e libertar. Porém, a atração benéfica, aliada ao temor de Deus, tem abençoado muitos lares cristãos, onde o casal se realiza pelo amor, pelo respeito, pelo sexo correto, pela vida aprovada segundo a Palavra do Senhor. Onde a atração é exercida dentro da legitimidade, do direcionamento correto, para a glória de Deus. Onde o desejo é alimentado não só com a influência da carne, mas sobretudo com o tempero da presença do Espírito Santo aprovando e abençoando todo o relacionamento de um casal que se ama.

ÁTRIO DAS MULHERES. O átrio (ou pátio) era um espaço em redor do Tabernáculo, Êx 38:9-19 e do Templo, 1Rs 6:36. O Templo de Jerusalém possuía quatro átrios: dos gentios, de Israel, dos sacerdotes e das mulheres. O escritor Flávio Josefo diz o seguinte, acerca do átrio das mulheres: *“Havia, forçosamente, 2 portas a oriente; porque, deste lado, tendo sido construído um muro para reservar um lugar de culto particular às mulheres, era preciso uma segunda porta; esta foi construída frente à primeira. Nos outros lados, uma porta a sul e outra a norte, que davam acesso ao ‘átrio das mulheres’. Elas não podiam, com efeito, entrar pelas outras portas, nem transpor o muro de separação que ladeava o seu próprio átrio. Este espaço, de resto, estava aberto ao culto às judias do país e igualmente às mulheres da mesma raça, mas que viessem de outros lados”.* Champlin completa: *“Josefo sugere, assim, que o peribolo*

(o mesmo que átrio, nota da autora) interior foi construído primeiramente todo seguido, (com o dobro do comprimento e da largura do que antes lá existia,) e só depois é que nele se construiu um muro para fazer a separação entre as mulheres e os homens. A idéia de o construir deve ter sido posterior à construção do peribolo, até porque não existe, no Antigo Testamento, nenhuma referência a tal separação. Sendo assim, o mais lógico é que fosse construído a ligar duas êxedras, uma do norte com outra do sul do peribolo. (Cf. Infra 5. 5. A altura deste muro não é indicada, o que leva a pensar que era a mesma do muro que circundava o peribolo, dos batentes da Porta Coríntia e das êxedras: 40 côvados. A afirmação de Mid 2,4 não se aplica ao Templo de Herodes, porque à frente da porta do naós ficava uma êxedra de 50 côvados de altura e uma torre, segundo F. Josefo)”.

Flávio Josefo dizia que *“Não há dúvida de que as salas do átrio das mulheres eram salas do Tesouro: a viúva que deitou a esmola no Tesouro do Templo só tinha acesso ao átrio das mulheres”*, fato citado em Mc 12: 41-44 e Lc 21:1-4.

O átrio das mulheres ficava um pouco mais próximo do santuário do que o átrio dos gentios. Esse átrio era colocado à disposição das mulheres israelitas. No entanto, em Cristo, não há qualquer distinção entre homem e mulher, no que concerne a privilégios espirituais, Gl 3:28. Essa é uma doutrina revolucionária exposta pelo Cristianismo, já que no Judaísmo as mulheres são separadas dos homens para o culto e adoração. É interessante notar, porém, que entre os gentios e o santuário ficavam as mulheres, o que pode denotar a sua importância como intercessora e testemunha, a fim de possibilitar que os gentios tenham acesso a Deus.

AUTO-ESTIMA. Auto-estima é o sentimento de valorização que a pessoa tem de si mesma. Embora seja um termo utilizado recentemente, a auto-estima tem tudo a ver com a **depressão**, com o egoísmo e com os sentimentos de superioridade ou de inferioridade. O movimento psicológico da auto-estima surgiu diante da observação das atitudes negativistas das pessoas, onde os cientistas

AUTO-ESTIMA

perceberam que inúmeras frases e pensamentos (conscientes e inconscientes) que elas costumam utilizar para programar sua mente, afetam em demasia o conceito de sua própria capacidade. É comum o uso de palavras ou frases que costumam trabalhar contra a integridade emocional da pessoa, se depreciando e efetuando confissões negativas ou altamente apreciativas a seu respeito.

Os analistas entenderam que os tipos de palavras e expressões negativas orientam a vida e as sensações do ser humano. Elas impedem as realizações básicas do viver diário, deixando as pessoas magoadas e impedindo o seu progresso em várias áreas de desempenho. A Bíblia é enfática quanto ao poder e o efeito que o uso das palavras produz tanto na pessoa que fala, quanto na que ouve: *“Como maçãs de ouro em salvas de praia, assim é a palavra dita a seu tempo”*, Pv 25:11; *“Como imaginou em sua alma, assim ele é”*, Pv 23:7.

A mulher moderna está profundamente atacada por cinco grandes adversários, o que alguns chamam *“os verdugos da alma”*, que são: o medo, a **ansiedade**, a **depressão**, a angústia e a **solidão**. Estes cinco inimigos estão fazendo parte da conjuntura sociopsicológica da criatura hodierna. Uma boa parte desse quadro deve-se ao problema da desvalorização pessoal e da expectativa que se forma em torno do quanto ela precisa receber para ser feliz. Enquanto centenas de fórmulas são apresentadas diuturnamente, para que a pessoa recupere a auto-estima, o que se vê é o ser humano cada vez mais cultivando o egoísmo, buscando o seu prazer próprio, e a vivência fraterna sendo cada vez mais relegada a um plano secundário.

Psicólogos comentam sobre os estágios desenvolvimentistas do sentimento de culpa, os quais regulam a auto-estima. Passando por diversas fases desde o nascimento, o ser humano vai acumulando áreas de necessidades e buscando satisfazê-las, conseguindo ou não, passando por frustrações ou realizações. Desde a necessidade de satisfação da fome e da saciedade, de ser amado, de ser valorizado, até a necessidade de ser aprovado em suas atividades exteriores, o ser humano vai acumulando sentimentos que resultam

em melancolia, em solidão, em depressão e até em neuroses graves e desvios de comportamento.

Após épocas de privação e frustração prolongada, todos os indivíduos tendem a ficar apáticos, morosos, lentos e desinteressados. Ou, então, partem para um outro extremo: ficam violentos, buscam de formas alucinatórias a realização de seus desejos, assumindo o uso de drogas, o desvio de personalidade e tantas outras formas de satisfação de um ego desequilibrado.

O ego insatisfeito, dominado pelo pecado e distanciado de Deus, pode se direcionar, então, para uma busca errônea da religião. O sacrifício e a prece, que são os processos clássicos de propiciação, são utilizados como uma espécie de violência mágica que se usa para “obrigar” Deus a dar o que é necessário para a pessoa se sentir feliz. Há muitas atitudes depressivas que representam nitidamente condensações dessa ordem de propiciação e agressividade. A pessoa que tem interesse apenas em satisfazer o seu ego, dificilmente terá uma experiência real com Deus, porque não O amará pelos Seus atributos e virtudes, mas por aquilo que possa receber d’Ele por meio da devoção religiosa.

Jesus disse: *“Errais, não conhecendo as Escrituras e nem o poder de Deus”*, Mt 22:29. O conhecimento de Deus pode mudar a auto-estima de uma pessoa. O conhecimento de Deus leva o homem a conhecer a si próprio, a conhecer o seu pecado, a sua insuficiência em si mesmo, a conhecer o próximo, e esse conhecimento, aliado ao poder que existe nas Escrituras, que são *“espírito e vida”*, liberta a pessoa e a faz sentir-se melhor.

No livro de IReis, cap. 19, encontramos o profeta Elias sucumbindo ao peso do medo, quando fugia de **Jezebel**, o que o deprimiu a ponto de desejar a morte. Diríamos, mediante a moderna terminologia, que a sua auto-estima estava baixa. Um encontro com o anjo do Senhor o alimentou, renovou e lhe deu forças para caminhar por mais quarenta dias. **Ana**, abatida pelas freqüentes investidas de sua **rival**, um dia tomou ânimo e recorreu a Deus, o qual restaurou a sua dignidade, as suas emoções e a abençoou sobremaneira, mudando a sua vida, ISm 1,2.

O **amor** e o poder de Deus, manifestos no coração da pessoa prejudicada pelo pecado, a conduzem ao processo glorioso da libertação, o que muda por completo a sua maneira de ser, de pensar, de servir e de enfrentar o mundo, Jo 8:32,36; 2Co 5:17. Foi essa ação no interior da pessoa, que libertou a **mulher adúltera**, transformou **Maria Madalena** em uma adoradora, fez da **mulher samaritana** uma nova criatura. Foi o Seu poder que levou o gadareno, oprimido por correntes demoníacas, a tornar-se um homem abençoado. A cura do homem coxo o levou saltando de alegria dentro do Templo.

O Senhor Jesus derrotou Satanás, na ocasião da tentação, com a Palavra de Deus e enfatizou o Seu discurso dizendo taxativamente ao inimigo: *“Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus”*, Mt 4:4. A Palavra de Deus tem poder vivificante, curador, transformador. O Sl 107:20 diz: *“Enviou a Sua palavra e os sarou”*. Vários trechos demonstram que o Senhor sara a alma e muda a forma da pessoa encarar a vida e direcionar os seus caminhos, Sl 147:3; Is 53:5; 2Cr 30:20.

A busca da auto-estima tem levado muitos a atitudes egoísticas, a desprezar a correção dos pais, a abandonar a submissão aos maridos e o amor devido às mulheres, enfim, a afrontar muitos mandamentos da Palavra de Deus, cuja obediência é garantia para uma vida feliz, próspera e abençoada, Dt 28; Sl 112; 128. O egoísta é um ser vazio e solitário que precisa cada vez mais de coisas e pessoas que o preencham. Ele deixa de cumprir o segundo e grande mandamento e faz com que as pessoas que mais o amam sofram por causa do seu egoísmo.

Através de slogans, bordões e textos bíblicos deturpados, muitos crentes professos seguem a onda existencial da psicologia humanista e estabelecem seu próprio sistema motivacional. Desse modo, qualquer crítica contra os ensinamentos do valor-próprio, amor-próprio e auto-estima é considerada, por isso mesmo, como prova de que se deseja que as pessoas sejam infelizes. Além do mais, qualquer crítica contra o movimento da auto-estima é vista como um perigo para a sociedade, já que a auto-

estima é considerada como panacéia para seus males. Então, se alguém, na igreja, não apóia completamente a teologia da auto-estima, é acusado de promover uma teologia desprezível.

Se há algo que o mundo e muitos na Igreja têm em comum nos dias atuais, é a psicologia da auto-estima. Embora cristãos professos possam discordar em algumas das nuances da auto-estima, autovalorização, auto-aceitação, e mesmo em alguns dos pontos mais delicados de suas definições e de como elas são alcançadas, muitos têm reunido forças contra o que acreditam ser um inimigo terrível - a baixa auto-estima. Contudo, mesmo o mundo ainda não consegue justificar o incentivo da elevada auto-estima pelos seus próprios métodos de pesquisa.

Existem muitas religiões que utilizam fórmulas para que o ser humano melhore sua auto-estima. Há correntes teológicas de pensamentos que dizem aos homens que são “deuses” e, por meio de sugestão, mostram que eles são detentores do poder, é só “determinar”. Elevam o superego do homem a um nível alto, como se o seu interior fosse a fonte de toda vitalidade, força e poder. O Pr. *Paulo Romeiro* escreveu um livro chamado *“Super Crentes”*, onde destaca tais seguimentos de religiões cristãs da atualidade. *“Você pode”, “você tem”, “eu posso, porque a Palavra diz que eu posso”, “Eu tenho, porque a Palavra diz que eu tenho”, “é direito nosso”,* e outros tantos chavões que colocam o crente na plataforma dos “todo-poderosos”.

Embora tenha alguns conceitos bons, a nova psicologia enfatiza o egoísmo e coloca a libertação e a recuperação da auto-estima do ser humano nas decisões e declarações pessoais. Algo parecido são os “mantras” ensinados por algumas religiões esotéricas e orientais, bem como as religiões que pregam a “confissão positiva”, como os neopentecostais.

A recuperação ou obtenção da verdadeira auto-estima está na Palavra de Deus. Jesus convida os Seus para um relacionamento de amor com Ele e de um para com o outro. A **alegria** dos Seus deve ser encontrada n’Ele, não em si mesmos. O amor vem de Seu amor por eles. Assim, o amor por si e

AVE-MARIA

de um para com o outro, não vem do amor-próprio e da auto-estima, tampouco aumenta a auto-estima. A ênfase está na comunhão, na frutificação e na prontidão para ser rejeitado pelo mundo. A identificação do crente está em Jesus a ponto de sofrer e segui-Lo até a cruz.

O foco do amor na Bíblia é para cima e para fora, ao invés de ser para dentro. O amor é tanto uma atitude como uma ação de uma pessoa para com a outra. Embora o amor possa incluir sentimentos e emoções, ele é essencialmente uma ação determinada pela vontade para a glória de Deus e para o bem dos outros. Assim, quando Jesus disse: *“Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças”*, Mc 12:30. Ele quis explicar que todo o nosso ser deve estar comprometido para amar e, portanto, agradecer a Deus. O amor a Deus é expresso por um coração agradecido e determinado a fazer o que Lhe agrada, de acordo com o que está revelado na Bíblia. Não se trata de um tipo de obediência mecânica, mas de um desejo para conformar-se à Sua graciosa vontade e de concordar que Deus é a fonte e o padrão para tudo o que é certo e bom, Is 12; Jo 7:37-39.

A segunda ordem é uma extensão ou expressão da primeira: *“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”*, Mc 12:31. João acrescentou detalhes a respeito. Ele descreveu a seqüência do amor. Em contraste com os mestres do amor-próprio, que dizem que as pessoas não podem amar a Deus e aos outros até que amem a si mesmas, João diz que o amor começa em Deus e, então, se estende aos outros: *“Nós amamos porque ele nos amou primeiro. Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão”*, 1Jo 4:19-21. Deus nos amou primeiro, o que nos capacita a amá-Lo, o que se expressa, então, em amar uns aos outros. Desde o primeiro fôlego de Adão, os homens foram destinados a viver em relacionamento com Deus, e não como egos autônomos. A Bíblia inteira está

apoiada nesse relacionamento, porque após responder ao fariseu, afirmando que o grande mandamento é amar a Deus e o segundo é amar ao próximo como a si mesmo, Jesus acrescentou: *“Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas”*, Mt 22:40. Jesus veio para nos livrar do ego e para restabelecer esse relacionamento de amor para o qual fomos criados. Durante séculos, foram escritos livros sobre amar a Deus e uns aos outros. Contudo, atualmente, cada vez mais, a Igreja está sendo inundada por literatura ensinando-nos como nos amarmos melhor, nos estimarmos mais, nos aceitarmos como somos e desenvolvermos o nosso próprio valor. Jesus disse: *“Sem mim, nada podeis fazer”*, Jo 15:5. Ele é a fonte da nossa recuperação pessoal, da nossa restauração mental, da nossa valorização e do nosso aperfeiçoamento na comunicação e no relacionamento com Ele e com o próximo.

AVE-MARIA. Reza feita pelo ramo do cristianismo católico, escrita e difundida pelo papa João XXII em 1317. O catolicismo entende que a adoração a Maria é o meio mais eficiente para se chegar a Jesus Cristo, considerado este, salvação e vida eterna. Os monges anacoretas julgavam a reza da Ave-Maria *“uma oração com poder de afastar o mal, alegrar os anjos e exultar a oração da Virgem Maria”*. A primeira parte da oração foi extraída do próprio Evangelho: *“Ave (o correto é Salve) Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco”*, Lc 1:28. *“Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus”*, baseado em Lc 1:41,42. O emprego litúrgico dessa oração não era generalizado na cristandade, senão já bem tarde, a partir do séc. XIII d.C.

A segunda parte, que se inicia por “Santa Maria”, veio da tradição cristã somente no início do séc. XVI, em 1508. Durante muito tempo a oração foi rezada só com a primeira parte. Mais tarde, a segunda parte acabou sendo assimilada por toda cristandade católica. A sua íntegra, como é rezada até hoje, apareceu pela primeira vez em um breviário de 1563, num mosteiro dos monges Cartuxos, nos Alpes da França, Ordem esta fundada pelo monge Bruno em 1084.

O Papa Urbano II, fervoroso devoto de Maria, em 1095 decretou a reza da Ave-Maria (a primeira parte) três vezes ao dia, pela manhã, ao meio-dia e à noite. Ordenou também que as igrejas tocassem os sinos nesses períodos para lembrar aos “fiéis” da reza. Ainda hoje, muitas igrejas mantêm o toque tradicional das Ave-Marias. No séc. XIII iniciou a devoção às “Três Ave-Marias”, para “*obter a graça de uma boa morte*”. A tradição iniciou no mosteiro de Rodersdorf, na Alemanha, onde viveu Matilde de Helfta desde seus sete anos de idade até a morte, em 1297. A prece das Três Ave-Marias praticada por essa mulher foi transmitida através do livro “Revelações” - uma auto-biografia rica de experiências espiritualistas. Nele narrou que, em suas preces à Virgem, sempre pedia seu amparo na hora da morte. “*Certa noite, Maria apareceu em sonho e a tranqüilizou dizendo para rezar todos os dias Três Ave-Marias em louvor à Santíssima Trindade: a primeira em honra ao Pai, a segunda em honra ao Filho e a terceira em honra ao Espírito Santo. Assim, teria assegurado a hora final para a vida eterna, cheia de paz e de santa serenidade*”. No séc. XVI Leonardo de Porto Maurício, padre franciscano fervoroso devoto de Maria e pregador missionário, contribuiu muito para difundir a devoção à “Nossa Senhora das Três Ave-Marias”, da qual era assíduo praticante.

Refutação. Biblicamente essa reza não encontra fundamentos. A palavra “ave” era saudação dos romanos ao seu imperador nas arenas. Quando o anjo cumprimentou Maria disse-lhe: “*salve*”, Lc 1:28 e não “ave”, pois ela não tem e nunca teve poderes de imperatriz ou **rainha**. Nessa reza João XXII misturou doutrina espírita com textos bíblicos, pois a expressão “*Rogai por nós agora e na hora da nossa morte*” é estranha ao Cristianismo e na Bíblia. Os cristãos jamais apelaram para os mortos, mesmo que tenham sido santos. Essa frase foi introduzida na reza maliciosamente, pois sugere Maria como mediadora, contrariando as Escrituras Sagradas que dizem: “*Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem*”, 1Tm 2:5. Cristo não ensinou rezas, ensinou orações. Rezar é repetir textos decorados, usando geralmente o rosário como instrumento

de repetição – semelhante aos mantras cantados em diversas seitas, principalmente de ramos orientais. Jesus disse: “*E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falar serão ouvidos*”, Mt 6:7. Ver **Maria de Nazaré, a mãe de Jesus e Mariolatria**.

AVÓ. Mãe da mãe ou do pai. É um grande privilégio ser avó, pois representa o alcance de uma promessa feita aos que temem ao Senhor, Sl 128:5,6. A tarefa dos pais dura a vida inteira. Desde que a **mulher** gera, o seu cuidado em favor dos filhos se faz notório. Talvez o reconhecimento não venha em tempos de ser **mãe**, mas ele aparece quando se torna avó ou bisavó. Há recompensas em ser avó: um bebê traz para a vida alegria, renovação, espontaneidade.

Se a mulher, em sua idade madura, permitir que Deus a use como veículo para transmitir o amor divino aos seus netos, será grande a sua recompensa. Mantendo uma vida de sobriedade, a avó pode deixar uma marca muito grande de **amor** e compreensão e estender sua influência benéfica à próxima geração, Pv 17:6; Is 51:1.

A avó tem oportunidade de ministrar aos netos talvez mais do que os seus pais. Ela pode ser o principal veículo de orientação espiritual, principalmente em lares de pais separados ou em que o casal trabalha fora. Ela pode desempenhar um papel glorioso de **intercessora**, tanto orando com os netos, como por eles. Tem, ainda, a oportunidade de lhes proporcionar presentes em forma de livros, fitas e vídeos cristãos, bem como repassar de forma oral as histórias da Bíblia e os testemunhos vivenciados em suas experiências cristãs. Transmitir a fé, a esperança em Deus, é uma forma de manter viva a chama da presença do Senhor na **família**.

Existem situações em que a avó é residente na casa de um dos filhos. Quando isso acontece, alojam-se dentro da casa, no mínimo, três gerações, cada qual com as peculiaridades de sua época. Para que a convivência se torne agradável, é necessário que se busque muita sabedoria, para que não se estabeleça o “conflito de gerações”.

AZENATE

Daí, a disposição em servir de “ponte” entre os pais e a criança, tendo, ao mesmo tempo, o cuidado de jamais enfraquecer a autoridade daqueles. É preciso estar à disposição, mas sem intrrometer-se. Levar tudo a Deus, em oração, com **quebrantamento**, produz melhores resultados do que fomentar a discórdia, a contenda, as discussões. Também, é preciso cuidar para não ficar reclamando de tudo, ou de dores, que são próprias da idade, o tempo todo.

A **velhice** pode ser mais agradável, se enfrentar essa fase com naturalidade, com sabedoria, com amor, tornando-se útil e evitando as depressões de quem só vive do passado. A avó pode oferecer um suporte afetivo especial para os netos. É um suporte importante, pois a demonstração de amor que ela dá aos netos acontece incondicionalmente, por não ter a responsabilidade da mãe. Não importa se eles tiraram notas baixas ou não. De qualquer forma, serão bem recebidos e, ainda, motivos de orgulho.

Outro papel realizado pela avó é o de contar as histórias da família através das gerações, ajudando a criança no seu processo de se sentir membro de um grupo maior. Mas não só a criança sai melhor desse encontro mágico. A vovó também espera ansiosa que seus netos venham visitá-la. Eles são seus grandes ouvintes, a “platéia” a quem ela transmitirá conhecimentos, livros e receitas. Os netos também a ajudam a entender o mundo de hoje, principalmente no caso de avós mais velhas. Para ela, o contato é uma oportunidade de rejuvenescer. Apesar de estar num outro momento e não ter mais tolerância à bagunça e ao barulho, ela é uma figura muito importante. Todavia, ela deve ocupar o lugar de “avó” e não de “mãe”, para que os papéis não se misturem e causando confusão para a criança. Além disso, a avó já passou dessa fase de mãe e está em outro momento, não tem mais estrutura física para educar uma criança. Precisa de tranquilidade, por isso mesmo deve ficar com a parte mais leve das relações com as crianças.

Um aspecto interessante observado é que as avós podem resgatar, através dessa experiência de cuidar dos netos, aquilo que julgaram ter feito de errado na educação dos próprios filhos. Para elas é uma

forma de compensar alguns erros que porventura tenham cometido. As próprias avós dizem sentir-se mais flexíveis e tranquilas, menos ansiosas e rígidas quando cuidam de seus netos, diferentemente de quando estavam tomando conta dos filhos. Avó é tudo o que os netos desejam. Elas cuidam das crianças como se fossem seus próprios filhos. Achem graça em tudo, até nas travessuras. Estão dispostas a enfrentar o trabalho todo outra vez, sem reclamar. É assim que muitas avós têm vivenciado uma segunda maternidade, dedicando aos netos mais atenção e paciência. A Bíblia faz menção de algumas avós notórias: **Lóide**, avó de Timóteo, 2Tm 1:5; **Noemi**, avó por aclamação de Obede, Rt 4:17; **Rute**, bisavó de Davi, Rt 4:21,22.

AZENATE (ou **Asenate**). Egípcio “pertence ao deus Neit”. Esposa de José, Gn 41:45,50; 46:20. Literalmente, o nome quer dizer “*ela pertence a x*” (poderia ser uma deusa, o pai, parentes, etc.). Filha de Potífera, sacerdote de Om, provavelmente a capital do Egito e sede religiosa do país. Era de uma cidade idólatra, a 10 km de Cairo, comparada à Heliópolis dos gregos. Provavelmente pertencia a uma família de posição considerável, já que fazia parte do tributo de Faraó a José, a quem ele constituíra governador sobre o Egito. Deu a José dois filhos, que ele nomeou Manassés (hb “quem faz esquecer”) e Efraim (hb “fértil”). Estes foram adotados posteriormente por Jacó e considerados seus filhos, cada um se tornando cabeça entre as tribos de Israel, Gn 48:5. Embora a Bíblia pouco ou nada fale sobre Azenate, acompanhou a grande função do marido como governador do Egito e esteve ao seu lado durante todos os anos de sua lida naquele país. Talvez fosse **sacerdotisa** idólatra, mas deve ter abraçado o Deus de José, pois permitiu que este nomeasse os filhos conforme as suas experiências com Deus. Seus filhos tomaram parte na herança de Jacó e não na dos sacerdotes do Egito, Gn 47:22,26. Uma lenda judaica relata como, ao casar-se com José, ela renunciou ao paganismo e abraçou ao Deus de Israel. Seu nome é encontrado junto com o de José, nos achados arqueológicos do Reino Médio e do período dos hicsos (2100 – 1600 a.C.) da história do Egito.

AZUBA. Hb “Desolação”. **1.** Uma das mulheres de Calebe, 1Cr 2:18,19. Mulher de Calebe. Era uma mulher privilegiada, visto que era casada com um importante homem do V.T. Da tribo de Judá, Calebe fez parte do grupo de doze espias que Moisés enviara para reconhecer a terra de Canaã. Juntamente com Josué, foram os únicos que mostraram fé em Jeová, animando o povo a lutar pela conquista da terra e exortando-os a crer em Deus. Também foram os únicos que, quarenta anos depois, tomaram parte na conquista do país, Nm 13-14; Js 14:6,14. Fez parte também da comissão nomeada por Moisés antes da conquista, para distribuir a terra e representar a tribo de Judá, Nm 34:19. Tinha 85 anos de idade quando se completou a conquista, Js 14:7,10, fato que Azuba talvez não tenha presenciado, visto que ele se casou com **Efrata** após a sua morte, com a qual fundou uma cidade.

2. Esposa do rei Asa e **mãe** do seu primogênito, Josafá, que foi o sucessor do pai no reino de Judá. **Filha** de Sili, 1Rs 22:42. Asa assumiu o trono muito jovem e também se casou muito jovem.

Devido a esse fato, os negócios do Estado eram administrados por sua avó **Maaca**, a qual corrompeu a terra com a idolatria. Zelosamente, o jovem monarca aboliu a idolatria e depôs Maaca, a **rainha-mãe**, por ter ela erigido um ídolo, 1Rs 15:13. Certamente Azuba assumiu o seu lugar, tornando-se a **rainha-regente**. Como esposa do rei, Azuba participou de todas as reformas religiosas e de um dos grandes avivamentos do V.T., promovido pelo seu marido. Considerando que o seu filho Josafá “*andou em todos os caminhos de seu pai Asa e não se desviou deles, fazendo o que era reto aos olhos do Senhor*”, v.43, podemos entender que fosse **mulher** temente a Deus, ciosa em seu dever de ensinar ao filho os caminhos do Senhor, já que o rei certamente possuía outras mulheres, **concubinas** e filhos, além de todas as responsabilidades inerentes ao reinado. Seu filho foi protagonista de um grande milagre de livramento operado pelo Senhor, em resposta à sua humildade e busca do favor divino, 2Cr 20. Não sabemos se, na época, ela ainda fosse viva, mas o fato de ter seu nome citado junto ao do filho, denota a sua importância na formação do mesmo.